

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

INSTITUTO DE LETRAS



Sergio Antonio da Silva Ribeiro

**SEXO E ADOLESCÊNCIA NO INÍCIO DO NOVO MILÊNIO:  
DISCURSOS SOBRE SEXUALIDADE NA  
REVISTA *CAPRICHÔ***

RIO DE JANEIRO

2006

Sergio Antonio da Silva Ribeiro

**SEXO E ADOLESCÊNCIA NO INÍCIO DO NOVO MILÊNIO:  
DISCURSOS SOBRE SEXUALIDADE NA  
REVISTA *CAPRICO***

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras – Área de concentração em Linguística, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, como requisito parcial à obtenção do título de mestre.

Linha de pesquisa: Práticas de linguagem e discursividade

Orientador: Prof. Dr. Décio Rocha

RIO DE JANEIRO

2006

CATALOGAÇÃO NA FONTE  
UERJ/REDE SIRIUS/CEHB

R484      Ribeiro, Sergio Antonio da Silva.  
            Sexo e adolescência no início do novo milênio : discursos sobre a  
            sexualidade na revista Capricho / Sergio Antonio da Silva Ribeiro. –  
            2006.  
            150 f. : il.

            Orientador : Décio Rocha.  
            Dissertação (mestrado) – Universidade do Estado do Rio de  
            Janeiro, Instituto de Letras.

            1. Linguística – Teses. 2. Educação sexual para a juventude –  
            Teses. 3. Sexo (Psicologia) - Teses. 4. Adolescentes – Teses. I.  
            Rocha, Décio. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto  
            de Letras. III. Título.

CDU 801

**Sergio Antonio da Silva Ribeiro**

**SEXO E ADOLESCÊNCIA NO INÍCIO DO NOVO MILÊNIO:  
DISCURSOS SOBRE SEXUALIDADE NA REVISTA *CAPRICHÔ***

Dissertação submetida ao Programa de Pós-graduação em Letras - Área de concentração em Linguística, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, como requisito parcial à obtenção do título de mestre.

Linha de pesquisa: Práticas de linguagem e discursividade

Aprovada em :

Banca examinadora:

**Prof. Dr. Décio Rocha (UERJ)** – Orientador  
Doutor em Linguística Aplicada  
Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ

**Profa. Dra. Anna Elizabeth Balocco**  
Doutora em Linguística  
Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ

**Profa. Dra. Rosane Monnerat**  
Doutora em Língua Portuguesa  
Universidade Federal Fluminense – UFF

Rio de Janeiro  
2006

**Dedico esta dissertação:**

**Aos meus pais Antonio e Aurora, pilares da  
minha vida e companheiros de todas as horas.**

**A minha avó Rosa, que onde estiver estará  
sempre olhando por mim.**

## AGRADECIMENTOS

Esta dissertação é fruto de diversos encontros intelectuais e pessoais. Agradeço sinceramente a todos aqueles que colaboraram na sua concretização.

Àqueles que, com sua experiência, competência, respeito ao ser humano, apoio e amizade possibilitaram uma jornada tranqüila e segura: Professor Décio, pela orientação sempre atenta, pelo carinho, bom humor e dedicação de valor inestimável, sem as quais não teria alcançado o meu objetivo; professoras Vera Sant'Anna e Maria Del Carmen, sempre presentes e dispostas a ajudar através de contribuições sempre generosas e valiosas; professor Azeredo, que muito contribuiu para o meu aprimoramento acadêmico; professoras Gisele de Carvalho e Anna Elizabeth Balocco, com quem demos os primeiros e tão importantes passos no curso de mestrado, e cujas discussões propiciaram o desenvolvimento deste trabalho.

Aos colegas do Seminário Temático, pelas sugestões, comentários e dúvidas, que muito acrescentaram à minha pesquisa.

A todos os meus alunos dos colégios Cruzeiro e Santo Inácio que muito me ajudaram na realização desta pesquisa, em especial às minhas alunas: Ana Carolina, Brani, Emilia, Gabriela e Laura, pois sem elas, não haveria conseguido o material necessário para a composição do *corpus* do meu trabalho.

Aos meus amigos Eulália Fernandes, Claude Garcia, Fátima Bispo, Fátima Fabrício, Marco Antonio Barbosa, Ana Tinoco, Maria Cristina Góes e Júlia Fraga, cujo carinho e apoio muito contribuíram para a realização dessa pesquisa.

A toda minha família, pela paciência, apoio e dedicação.

## RESUMO

Este trabalho tem por objetivo explorar e descrever as estratégias discursivas adotadas pela mídia quanto ao tema sexualidade na adolescência. Apresentamos nas considerações iniciais a nossa motivação para a presente pesquisa, que se deu a partir de um comercial estadunidense sobre o uso de camisinha como método anticoncepcional e preventivo contra doenças sexualmente transmissíveis, exibido em aulas de conversação em inglês para alunos do Ensino Médio de dois colégios particulares tradicionais do Rio de Janeiro. Diante do grande interesse dos alunos adolescentes sobre o tema sexualidade, verificamos, através de questionários enviados a eles, ser a seção *Sexo* da revista *CAPRICHÔ* a mais lida por esses jovens. Logo depois, tecemos breves considerações sobre a concepção de ‘adolescente’, por ser este a quem a mídia se dirige. Para isso, centramos nossa atenção nos seguintes pontos que tangem ao adolescente: a sexualidade na pós-modernidade, o campo da linguagem e a alteridade. Em seguida, no capítulo metodológico, descrevemos o percurso da pesquisa, que inclui os seguintes pontos: escolha da revista *CAPRICHÔ*, de periodicidade quinzenal, publicada pela Editora Abril, como fonte dos discursos sobre o debate em questão; caracterização geral dessa revista; processo de seleção dos artigos relevantes ao objetivo mencionado; definição da categoria de análise; delimitação do *corpus* propriamente dito. Nossa perspectiva teórica é a da Análise do Discurso de base enunciativa, com ênfase nos conceitos de dialogismo, de alteridade discursiva, de gêneros do discurso e de discurso relatado, segundo definição de Maingueneau e Authier-Revuz, marca lingüística relevante no discurso do veículo midiático em questão. Quanto à análise que conduzimos, verificamos que as estratégias discursivas adotadas pela revista *CAPRICHÔ* na seção *Sexo* ao longo do nosso *corpus* sofrem uma descontinuidade. A revista, que antes dava a voz a especialistas que legitimam saberes para o adolescente leitor, passa agora a trazer as vozes de fontes outras, que não a dos especialistas que antes respaldavam a seção. Como resultado, foi possível refletir sobre posições enunciativas identificadas nesse *corpus* específico, que a mídia tem insistido em ‘educar’ os adolescentes, quanto ao que fazer com seus corpos, com sua sexualidade. Observamos, contudo, que o fato de ser informativo, não significa que seja adequado, científico, saudável.

Palavras-chave: sexualidade; adolescência; pós-modernidade no século XXI; discurso relatado; revista *CAPRICHÔ*

## ABSTRACT

This dissertation aims at exploring as well as describing the strategies adopted by the media concerning the theme sexuality in adolescence found in the section *Sexo* in the *CAPRICHÓ* magazine. Our main concern is to identify the key to the linguistic aspects found in its *corpus*. Furthermore, we shall observe the Reported Speech as a linguistic category mostly found in the section *Sexo* in *CAPRICHÓ* magazine. In analyzing the utterances in Reported Speech, we seek to identify the voices that lie behind the discourse from the specialists and other sources.

Key words: sexuality; adolescence; Postmodernity in the 21<sup>st</sup> century; reported speech; *CAPRICHÓ* magazine.

## SUMÁRIO

<b>1. Considerações Iniciais.....</b>	<b>11</b>
<b>2. O Adolescente.....</b>	<b>14</b>
2.1 – Adolescência e sexualidade na pós-modernidade.....	15
2.2 – O adolescente e o campo da linguagem.....	17
2.3 – Adolescência e alteridade.....	19
<b>3. Metodologia: Percurso da pesquisa.....</b>	<b>22</b>
3.1 – Primeiros Passos.....	22
3.2 – Revista <i>CAPRICHÔ</i> .....	23
3.3 – Rumo à delimitação do <i>corpus</i> da pesquisa.....	24
3.3.1 – A importância de selecionar uma categoria de análise adequada ao <i>corpus</i> em questão .....	25
3.3.2 – O <i>corpus</i> .....	26
3.4 – Os procedimentos de análise.....	27
<b>4. Quadro teórico: Uma perspectiva discursiva de análise.....</b>	<b>31</b>
4.1 – Noções acerca do discurso.....	31
4.2 – Enunciação e dialogismo.....	34
4.3 – Gêneros do discurso.....	36
4.4 – Heterogeneidade de vozes.....	38
4.5 – Noção de discurso relatado.....	39
4.5.1 – Discurso Direto.....	39
4.5.2 – Discurso Indireto.....	41
4.5.3 – Modalização em Discurso Segundo.....	41
4.5.4 – Intertexto.....	42
<b>5. Análise dos dados.....</b>	<b>51</b>
5.1 – Análise dos dados levantados nos recortes do ano 2000 da seção <i>Sexo</i> da revista <i>CAPRICHÔ</i> .....	52
5.1.1 – Sexualidade e Infecções/Doenças Sexualmente Transmissíveis	52

5.1.2 – Sexualidade e Corpo.....	55
5.1.3 – Sexualidade e Prazer Sexual.....	57
5.1.4 – Sexualidade e Prevenção de Doenças/Gravidez.....	58
5.1.5 – Síntese parcial dos resultados obtidos (ano 2000).....	62
5.2 – Análise dos dados levantados nos recortes do ano 2002 da seção <i>Sexo</i> da revista <i>CAPRICHÔ</i> .....	65
5.2.1 – Sexualidade e Infecções/Doenças Sexualmente Transmissíveis	65
5.2.2 – Sexualidade e Corpo.....	65
5.2.3 – Sexualidade e Prazer Sexual.....	66
5.2.4 – Sexualidade e Prevenção de Doenças/Gravidez.....	70
5.2.5 – Sexualidade e Orientação Sexual.....	73
5.2.6 – Sexualidade e Gravidez.....	74
5.2.7 – Sexualidade e Drogas.....	74
5.2.8 – Síntese parcial dos resultados obtidos (ano 2002).....	75
5.3 – Análise dos dados levantados nos recortes do ano 2004 da na seção <i>Sexo</i> da revista <i>CAPRICHÔ</i> .....	80
5.3.1 – Sexualidade e Infecções/Doenças Sexualmente Transmissíveis	80
5.3.2 – Sexualidade e Corpo.....	81
5.3.3 – Sexualidade e Prazer Sexual.....	82
5.3.4 – Sexualidade e Prevenção de Doenças / Gravidez.....	86
5.3.5 – Sexualidade e Gravidez.....	93
5.3.6 – Síntese parcial dos resultados obtidos (ano 2004).....	95
<b>6. Conclusão.....</b>	<b>99</b>
<b>Referências bibliográficas.....</b>	<b>105</b>
<b>Anexos.....</b>	<b>108</b>
Anexo 1 – Questionário intitulado ‘Pesquisa de Mestrado’ enviado por e-mail aos adolescentes participantes da pesquisa.....	109

Anexo 2 – Recortes das seções que compõem o <i>corpus</i> da pesquisa.....	<b>110</b>
Recorte n° 1.....	<b>110</b>
Recorte n° 2.....	<b>111</b>
Recorte n° 3.....	<b>112</b>
Recorte n° 4.....	<b>113</b>
Recorte n° 5.....	<b>114</b>
Recorte n° 6.....	<b>115</b>
Recorte n° 7.....	<b>116</b>
Recorte n° 8.....	<b>117</b>
Recorte n° 9.....	<b>118</b>
Recorte n° 10.....	<b>119</b>
Recorte n° 11.....	<b>120</b>
Recorte n° 12.....	<b>121</b>
Recorte n° 13.....	<b>122</b>
Recorte n° 14.....	<b>123</b>
Recorte n° 15.....	<b>124</b>
Anexo 3 – Quadros identificadores de Discurso Relatado (DR) presentes no <i>corpus</i> da pesquisa .....	<b>125</b>
Quadro 1 - Ocorrências de discurso relatado nos recortes da seção <i>Sexo</i> do ano de 2000 da Revista <i>CAPRICHÔ</i> .....	<b>125</b>
Quadro 2 - Ocorrências de discurso relatado nos recortes da seção <i>Sexo</i> do ano de 2002 da Revista <i>CAPRICHÔ</i> .....	<b>134</b>
Quadro 3 - Ocorrências de discurso relatado nos recortes da seção <i>Sexo</i> do ano de 2004 da Revista <i>CAPRICHÔ</i> .....	<b>141</b>

## 1. Considerações iniciais

Esta pesquisa objetiva um estudo exploratório e descritivo das estratégias adotadas pela mídia quanto ao tema sexualidade na adolescência.

A motivação da presente pesquisa ocorreu a partir de aulas de conversação em inglês, as quais se apoiavam em um comercial estadunidense sobre a importância do uso da camisinha, como eficaz método de prevenção contra a gravidez e doenças sexualmente transmissíveis. Fruto do nítido interesse dos alunos sobre sexualidade, abordada no comercial exibido em sala de aula, tanto pela sua forma, como conteúdo, foi considerado oportuno aprofundar uma pesquisa acerca deste tema na adolescência, sob a ótica da Análise do Discurso de base enunciativa.

Seguindo pistas deixadas por alunos adolescentes, de ambos os sexos, de classe média e média alta, pertencentes a colégios tradicionais da rede particular de ensino do Rio de Janeiro, constatamos que a Revista *CAPRICHÔ* é apontada como a mais lida por esses jovens contemporâneos.

O veículo midiático analisado, a revista *CAPRICHÔ*, é uma publicação direcionada primordialmente a adolescentes do sexo feminino.

Tendo a revista *CAPRICHÔ* como foco de nosso trabalho, a pergunta de nossa pesquisa visa buscar saber as estratégias discursivas adotadas pela mídia no que tange ao tema sexualidade para os adolescentes.

O *corpus* de nossa pesquisa consiste em quinze recortes da seção *Sexo* da revista *CAPRICHÔ*, sendo cinco recortes a cada um dos seguintes anos: 2000, 2002 e 2004.

Uma vez recortado o *corpus*, a leitura e releitura de nossos textos, com o objetivo de identificar a marca inscrita na materialidade lingüística que serviria de entrada para a análise do nosso material, levou-nos ao encontro da categoria de discurso relatado (DR). Assim, centramos nosso olhar nesta marca lingüística a fim de identificar as vozes trazidas pelo discurso técnico-científico, assim como vozes de fontes enunciativas outras que respaldam a seção.

Quanto aos recortes que compõem o nosso *corpus*, destacamos que a característica distintiva do discurso midiático é o fato de o âmbito da sua legitimidade não ser delimitado pelas fronteiras de um domínio restrito da experiência. O repórter se apropria de diversos discursos de outrem e os reelabora numa linguagem mais geral para o público leitor. Portanto, o âmbito da legitimidade do discurso midiático é transversal ao conjunto de todos os domínios da experiência moderna (Porto, 1997).

Conferimos ainda que a mídia utiliza o discurso de adolescentes, pois estes irão falar para seus semelhantes, e esta é uma excelente estratégia para criar vínculos de identificação com o público leitor.

O poder da atual mídia caracteriza-se como poder de produzir sentidos, projetá-los e legitimá-los, dando visibilidade aos fenômenos que conseguiram, em primeiro lugar, atrair os jornalistas. Portanto, a função do repórter não se esgota em estar entre o acontecido e o público. Este seleciona, enfatiza, interfere através de palavras e imagens na construção simbólica dos acontecimentos.

Além deste capítulo 1, em que traçamos as considerações iniciais acerca da natureza de nossa pesquisa, a presente dissertação se subdivide em mais sete partes.

No segundo capítulo de nosso trabalho, direcionamos nossa atenção ao conceito de ‘adolescente’, sendo este o sujeito a quem nossa pesquisa se dirige. Em se tratando de adolescência, dividimos este capítulo em três etapas que vão ao encontro de nossa proposta de análise. A primeira delas versa sobre a adolescência e sexualidade na pós-modernidade. A segunda trata do adolescente e o campo da linguagem e a terceira e última etapa trata do adolescente e de sua relação com o Outro.

No terceiro capítulo focalizamos nossa atenção na metodologia por nós traçada no percurso de nosso trabalho. Iniciamos com os primeiros passos dados por nós para obtermos o perfil de nossa pesquisa, descrevendo, a seguir, a revista *CAPRICHÔ*, veículo midiático que se faz foco de nossa análise. O próximo passo foi a delimitação do *corpus* da pesquisa. Quanto a esse quesito, o subdividimos em duas instâncias. A primeira remete à importância de selecionar uma categoria de análise adequada. A segunda consiste na descrição do *corpus* em si. Por último, descrevemos os procedimentos utilizados para a análise dos enunciados em DR.

No quarto capítulo, dedicamos atenção ao referencial teórico que orienta a nossa reflexão. Iniciamos com uma breve reflexão acerca do termo ‘discurso’. A seguir descrevemos os conceitos de enunciação e dialogismo pela ótica Bakhtiniana. Gêneros do discurso foi o tema por nós abordado em seguida, sob a perspectiva de Maingueneau e Bakhtin. Heterogeneidade das vozes, sob a visão de Authier-Revuz e Maingueneau foi o próximo enfoque teórico por nós trazido. Por último, abordamos a noção de discurso relatado (DR), por ser esta a marca lingüística mais recorrente nos enunciados da seção *Sexo* da revista *CAPRICHÔ*. Dividimos em discurso direto, discurso indireto, modalização em discurso segundo, e intertexto, por serem as formas de DR apresentadas nos enunciados em análise.

Para o capítulo 5, análise dos dados, estabelecemos categorias, dentro das quais classificamos todos os enunciados encontrados em DR. São elas infecções / doenças sexualmente transmissíveis; corpo; prazer sexual; prevenção de doenças / gravidez; orientação sexual; gravidez e drogas. É importante ressaltar que nem todos esses temas foram encontrados em todos os anos que compreendem o nosso *corpus*, como visto nas análises dos dados.

No capítulo 6, apresentamos nossa conclusão final sobre a análise de todos os enunciados em DR, visando ao foco de nossa pesquisa que é identificar as estratégias adotadas pela mídia no que toca a questão da sexualidade para o adolescente.

A seguir, apresentamos as referências bibliográficas utilizadas ao longo de todo o processo de investigação até a conclusão final de nossa dissertação.

Na última parte dessa dissertação, inserimos os 3 grupos de anexos, que auxiliam o leitor quanto ao material por nós utilizados para a realização deste trabalho.

## 2. O Adolescente

A partir do título de nossa dissertação, a saber, *Adolescência e Sexualidade no início do Novo Milênio: O Discurso sobre Sexualidade na Revista Capricho*, iniciamos este capítulo conceituando as palavras ‘adolescência’ e ‘sexualidade’, uma vez que ambas conjugam o foco central de nossa pesquisa.

A consulta ao Novo Dicionário Aurélio<sup>1</sup>, foi o primeiro passo tomado por nós a fim de obter a real acepção das duas palavras.

### **Adolescência** [Do lat. *adolescentia*.]

Substantivo feminino. 1.O período da vida humana que sucede à infância, começa com a puberdade, e se caracteriza por uma série de mudanças corporais e psicológicas (estende-se aproximadamente dos 12 aos 20 anos).

### **Sexualidade**

(cs) [De sexual + -(i)dade.]

Substantivo feminino.

- 1.Qualidade de sexual.
- 2.O conjunto dos fenômenos da vida sexual.
- 3.Sexo, sensualidade, volúpia, lubricidade:  
A pequena é fogosa, é toda sexo.

A partir do momento em que nossa pesquisa prioriza a análise dos enunciados em discurso relatado (DR) inseridos na seção *Sexo* da revista *CAPRICH*O, reconhecemos a importância de responder, através de alguns conceitos, a seguinte pergunta: quem é esse sujeito chamado ‘adolescente’ para quem a mídia em questão, na sua seção *Sexo*, se dirige?

Hoje em dia percebemos a banalização da sexualidade nas novelas, nos filmes, nas propagandas, nas danças, nas letras de música, na internet e tudo que era proibido passa a ter acesso fácil para o adolescente, explorando o sexo sem o caráter educativo e preventivo, com objetivo de lucro e prazer. Sobre isso, Itoz (1998) nos diz que:

“Os adolescentes são um dos principais grupos de consumidores globais, são receptivos as ações de comwlicação, compartilham cultura popular, baseada em música, vestuário e estilo de vida, buscam nessa tentativa de homogeneização uma possibilidade de serem diferentes”.

O fragmento abaixo expõe a forma com a qual Calligaris (2004) concebe os adolescentes a partir da ótica dos adultos:

<sup>1</sup> Novo Dicionário Aurélio, versão 5.0 – Edição Revista e Atualizada – Dicionário Eletrônico, Editora, Positivo

“Os adolescentes ideais têm corpos que reconhecemos como parecidos com os nossos em suas formas e seus gozos, prazeres iguais aos nossos e, ao mesmo tempo, graças à mágica da infância estendida até eles, são ou deveriam ser felizes numa hipotética suspensão das obrigações, das dificuldades e das responsabilidades da vida adulta. Eles são adultos de férias, sem lei. Em nossa idealização, seriam turistas sexuais num Terceiro Mundo sem polícia, *bon vivants* gostando de ficar *high* no Afeganistão antes de 1970 ou nos cafês de Amsterdã, compradores em dólares nos supermercados inflacionados do Quarto Mundo e mesmo assim, eternos ganhadores da loteria.”

Adolescer é uma fase de intenso momento afetivo e emocional, de alterações físicas e psíquicas, formação e de transformação, é um fazer e refazer sem fim, uma verdadeira metamorfose, a fase sem dúvida dos grandes conflitos e dúvidas, é como se a pessoa nascesse novamente assim como nos fala Tiba (1998:73):

“A adolescência é como um segundo parto: O filho nasce da família, para entrar na sociedade. Esse parto que vai do final da infância ao início da fase adulta começa com iniciadores biológicos e o seu término está relacionado à auto suficiência social.”

## **2.1 – Adolescência e sexualidade na pós-modernidade**

O homem do novo milênio vive num mundo de transformações, que afetam quase todos os aspectos do que fazemos. De certa forma, estamos sendo impelidos em direção a uma ordem global que ninguém compreende totalmente, mas cujos efeitos se fazem sentir sobre todos nós.

Laclau (in Hall, 2004) argumenta que as sociedades da modernidade tardia são caracterizadas pela "diferença"; elas são atravessadas por diferentes divisões e antagonismos sociais que produzem uma variedade de diferentes "posições de sujeito" – isto é, identidades – para os indivíduos. Se tais sociedades não se desintegram totalmente não é porque elas são unificadas, mas porque seus diferentes elementos e identidades podem, sob certas circunstâncias, ser conjuntamente articulados. Mas essa articulação é sempre parcial: a estrutura da identidade permanece aberta. Sem isso, argumenta Laclau, não haveria nenhuma história.

Woodward (in Silva, 2002) advoga que “identidade” e “crise de identidade” são palavras e idéias bastante utilizadas atualmente e parecem ser vistas por sociólogos e teóricos como características das sociedades contemporâneas ou da modernidade tardia; em especial,

ao processo de mudança conhecido como “globalização” e seu impacto sobre a identidade cultural.

A globalização afeta não somente os grandes sistemas, como a ordem financeira mundial, mas também remete a um fenômeno que influencia aspectos íntimos e pessoais de nossas vidas. Segundo Guiddens (2003), o debate sobre valores familiares que está se desenvolvendo em vários países, poderia parecer muito distanciado de influências globalizantes. Entretanto, não é. Sistemas tradicionais de família estão começando a ser transformados, ou estão sob tensão, especialmente à medida que as mulheres reivindicam maior igualdade. Até onde sabemos pelo registro histórico, jamais houve antes uma sociedade em que as mulheres fossem sequer aproximadamente iguais aos homens. Esta é uma revolução verdadeiramente global da vida cotidiana, cujas conseqüências estão sendo sentidas no mundo todo, em esferas que vão do trabalho à política.

Entre todas as mudanças que estão se dando no mundo, nenhuma é mais importante do que aquelas que acontecem em nossas vidas pessoais - na sexualidade, nos relacionamentos, no casamento e na família. Há uma revolução global em curso ou modo como pensamos sobre nós mesmos e no modo como formamos laços e ligações com outros. É uma revolução que avança de maneira desigual em diferentes regiões e culturas, encontrando muitas resistências.

Dentre os postulados da teoria de Foucault (1987:12), destacamos que: “A sexualidade é uma interação social, uma vez que se constitui historicamente a partir de múltiplos discursos sobre sexo; discursos que regulam, que normatizam e instauram saberes que produzem verdades.”

Para compreender a sua complexidade, faz-se necessário nesse contexto, conjugar diversas áreas do conhecimento como a História, a Antropologia, a Biologia, a Psicologia, e outras, a fim de que possamos perceber as manifestações da sexualidade.

Tiba<sup>2</sup> (2003) nos diz que a jovem adolescente amadurece em média dois anos antes do rapaz. Busca fortificar sua feminilidade, prorrogar os encontros sexuais e selecionar um parceiro adequado para poder ter sua 1ª. relação sexual, o que ocorre de forma gradativa. Vai experimentando seus limites progressivamente. Os rapazes buscam encontros sexuais com mais ansiedade, geralmente, persuadindo as garotas ao sexo com eles. Em nosso meio, há uma tendência do jovem em experimentar sensações sexuais com outros de sua idade, sem necessariamente buscar uma relação sexual propriamente dita. O termo que se usa atualmente é ‘ficar’.

---

<sup>2</sup> Justificamos a escolha do psiquiatra Içami Tiba por ser um dos nomes mais conhecidos do país na área de psicologia do adolescente.

Um marco importante para os jovens ainda se traduz na perda da virgindade. É um rito de iniciação sexual, que pode ser vivenciado com orgulho ou com culpa excessiva, de acordo com a educação e tradição da família. Inicialmente, os jovens buscam apenas envolvimento sexual, testando suas novas capacidades e reações frente a sensações antes desconhecidas. É a redescoberta do corpo. Só depois procuram o envolvimento afetivo complementar passando a conviver não apenas em bandos, mas também aos pares.

A masturbação faz parte da vida das pessoas desde a infância e, na adolescência, se intensifica com a redescoberta de sensações, tanto individualmente quanto em dupla ou em grupo.

Os jovens podem apresentar algum tipo de atividade homossexual nessa fase, como exposição dos genitais, masturbação recíproca e comparação dos seios e dos genitais em grupo (comparação do tamanho do pênis, por exemplo), atividades estas consideradas absolutamente normais. A fortificação dessas condutas, com o abuso sexual por parte de um adulto de mesmo sexo ou com alta ansiedade perante o sexo oposto, pode desenvolver uma orientação homossexual definitiva nos jovens.

Em tempos da informação acelerada, com a internet, a globalização, a pouca censura nos meios de comunicação de massa, há um apelo sexual freqüente e precoce, expondo os jovens à situações ainda não bem compreendidas por eles. Os adolescentes falam como adultos, querem se portar como tal e ter os privilégios da maturidade. No entanto, falta-lhes a experiência, a responsabilidade e o significado real de um envolvimento sexual. A gravidez de risco na adolescência, infelizmente, é um dos resultados desastrosos desta situação atual. A pouca informação qualificada e o precário respeito dos adultos perante as necessidades dos jovens são os verdadeiros responsáveis pelo falso e ilusório desenvolvimento do adolescente de hoje.

## **2.2 – O adolescente e o campo da linguagem**

Para a psicanálise (Elia, 2004), sobretudo a partir da releitura que Lacan empreendeu dos textos freudianos, o sujeito só pode ser concebido a partir do campo da linguagem. Embora Freud não se refira explicitamente a isso, todas as suas elaborações teóricas sobre o inconsciente, nome que delimita o campo primordial da experiência psicanalítica do sujeito, o estruturam como sistema quer de representações (*Vorstellungen*), de traços de memória (*Erinnerzeichen*), de signos de percepção (*Wahrnehmungszeichen*), que se organizam em

condensação e deslocamento. Ora, uma teoria como essa exige, metodologicamente, a referência a uma ordem simbólica, a um sistema de articulação de elementos materiais simbólicos, ou seja, à linguagem. Não seria possível sustentar o funcionamento do sistema inconsciente, tal como Freud o propõe, com referenciais não-simbólicos de estatuto biológico-neurológicos, por exemplo - e tampouco com referenciais não-materiais de estatuto "psicológico", que, quando tomados em sua suposta autonomia, acabam por reduzir-se a seu suporte metafísico: "o pensamento", "a alma": "a razão", entre outros. O inconsciente freudiano exige, portanto, um suporte metodológico que o situe, no plano conceitual, em relação a dois estatutos: ele deve ser *material* (a psicanálise é um saber materialista) e, ao mesmo tempo, *simbólico* (a psicanálise não é uma biopsicologia).

O campo de referência que oferece a um só tempo essas duas condições metodológicas é o da linguagem, sobretudo a partir de sua tomada como recorte de uma ciência moderna, a lingüística - por Ferdinand de Saussure. Por isso Lacan recorre à categoria de *significante* - imagem material acústica, para Saussure, à qual se associa um conceito (idéia), como *significado*, na constituição do signo lingüístico. Mas Lacan subverte essa associação significante/significado, conferindo primazia ao primeiro (o significante) na produção do segundo: o significante prevalece sobre o significado, que lhe é secundário, e se produz somente a partir da articulação entre os significantes. Fazendo isto com o signo de Saussure, Lacan encontra o suporte metodológico necessário para uma teoria do inconsciente: dos dois elementos constitutivos do signo de Saussure, só o significante é *material* (imagem sonora, unidade material da fala humana) e *simbólico* (sua articulação em cadeia produz uma ordem capaz de engendrar o significado, que não se encontra constituído desde o começo, antes da articulação significante). E o que é o inconsciente freudiano senão um sistema de elementos materiais articulados como cadeias (Freud chega a falar de feixes) desprovidos, em si mesmos, de significação, estas passíveis de serem produzidas pelo sujeito uma vez constituído?

Segundo Foucault (1999) o sujeito está inserido no acontecimento discursivo afirmando que para tal é preciso que 'que lhe seja reconhecido o direito de falar, que fale de um determinado lugar reconhecido pelas instituições, que possua estatuto tal para proferir discursos.'

Refletindo o sujeito adolescente, inferimos que o mesmo inicia a construção da própria identidade afastando-se da família. Passa a conviver quase que exclusivamente com amigos da mesma idade, com quem compartilha as mesmas ansiedades, anseios e sonhos. O processo de identificação com o novo grupo é instaurado. A construção da identidade do futuro adulto

se apóia no uso de roupas extravagantes e comuns ao grupo e, principalmente na linguagem diferenciada por gírias e novas expressões indecifráveis pelos adultos, que não fazem parte do grupo do adolescente.

O processo de mudanças na vida do adolescente é intenso. Dentre essas mudanças, é através da linguagem que se revela o papel criativo do adolescente, pois, ou ele cria uma palavra nova, ou usa uma palavra familiar com uma nova referência; surgem novos significados entre nomes e coisas. O vocabulário em constante mutação da gíria do adolescente ilustra a originalidade lingüística de cada geração.

Visto isso, identificamos nos enunciados analisados nos recortes da seção Sexo da revista *CAPRICHÔ* que é com uma linguagem próxima do adolescente que a mídia consegue conquistá-lo, pois aborda os temas que esse público quer ler, ou seja, o que está atrelado ao universo dele, contemporâneo.

### **2.3 – Adolescência e alteridade**

A adolescência é, antes de mais nada: 1) um longo trabalho de elaboração de escolhas e 2) um longo trabalho de elaboração da falta no Outro, como veremos a seguir.

Não há escolha que prescindia de indicativos, direções, determinantes que lhe são anteriores. O sujeito os recebe ao longo de sua infância, dos pais, educadores, colegas, meios de comunicação, enfim, do mundo a sua volta, através do que lhe é transmitido pela linguagem falada, escrita, visual, comunicativa ou ainda pelo silêncio. E pode continuar recebendo esses mesmos indicativos, direções e determinantes, ao longo de todo processo adolescente, desde que não falte quem lhe possa transmiti-los. (Alberti, 2004)

Desde suas primeiras hipóteses, Sigmund Freud observava: a primeira, e por isso mais intensa relação de um bebê com o mundo em que nasce, se dá através de um Outro que lhe preexiste, faz dele um objeto privilegiado de seus interesses e influencia o bebê de tal forma que ele será necessariamente produto da relação de ambos - o Outro e ele mesmo. Se o Outro preexiste ao sujeito é também por engendrará-lo. O primeiro Outro, para o bebê, implica necessariamente os pais, ou seus substitutos, o que vem a dar no mesmo. O conceito de Outro, na realidade estabelecido por Jacques Lacan, consiste, antes de mais nada, na referência a uma alteridade: afirmar a presença de um Outro engendra uma noção de 'eu' diferenciado. (Arrivé, 1994)

Escreve-se o Outro com maiúscula inicialmente por uma razão muito simples: não se trata de um outro qualquer, ele tem uma especificidade em relação aos tantos outros com os

quais o sujeito terá relação, qual seja, para além da preexistência, a de ser a única instância à qual o bebê pode tentar apelar no seu desamparo fundamental, como dizia Freud. (Elia, 2004)

A medida que o bebê cresce e faz suas próprias experiências de vida, incorpora a alteridade aos poucos, de forma que ela determine sua própria constituição. O sujeito adolescente já fez uma quantidade suficiente de experiências para que esse Outro faça parte dele, o que não impede que busque reconhecê-lo em substitutos ao longo de toda sua existência. Na realidade, podemos dizer que o próprio inconsciente do adolescente é esse Outro agora, alteridade que o eu do sujeito não reconhece como sendo ele. Esse é um parâmetro determinante para estabelecermos o final da infância: a definitiva incorporação do Outro da infância de maneira que o sujeito não seja mais tão dependente da idealização dos pais da sua infância. Toda criança idealiza de alguma forma seus pais, mas à medida que ela cresce, percebe aos poucos as suas falhas, de forma que o terreno vai se preparando para o processo de separação da adolescência. (Alberti, 2004)

Finalmente, uma grande referência *ao Outro* diz respeito ao encontro com o Outro sexo. Associa-se a isso a questão sexual com a castração que é justamente o que não faz história em toda construção do romance familiar (Freud), ou do mito individual do neurótico (Lacan in Alberti, 2004).

Faltam ao sujeito referências para dar conta do sexo que não o dele. Este constitui, irrevogavelmente, uma alteridade radical sobre a qual é impossível saber tudo. Dela há sempre reações que o sujeito não espera, que são imprevisíveis e que ele não compreende. E se o faz, muitas vezes é levado a situações de equívoco.

A relação com o Outro sexo é da ordem do que não cessa de não se escrever, mantendo o lugar do real no cerne da história, como já dito, realizando o irrepresentável. Aliás é por isso que Freud se interessa tanto pelo sexo, pela sexualidade. Ao lado do tema da morte, o tema do sexo perpetua um impossível de dizer. Quando se trata do encontro com o sexo, o que está em jogo sempre é o Outro sexo, mesmo quando o sujeito prefere um parceiro do mesmo sexo. Isso porque o sexo implica o dois, ou seja, malgrado todas as fantasias de união e harmonia entre parceiros, na vida real a coisa é sempre bastante diferente. (Calligaris, 2004)

Da mesma forma que o adolescente se depara com a impossibilidade de evitar a evidência da falha edípica, ele se vê diante da impossibilidade de fugir à evidência de que seus pais não se completam, que isso não faz *Um*, eles brigam, ou então não se encontram muito – na melhor das hipóteses. A relação sexual é impossível porque aquilo que ele é para ela nada tem em comum com o que ela é para ele. Finalmente, o Outro sexo introduz um

outro tipo de limite para o sujeito: já não aqueles ditados pela Lei interiorizada do pai e da cultura, mas limites incorporados pela própria experiência de que não só não é evidente o modo pelo qual o sujeito pode submeter o parceiro a seus próprios desejos, quanto jamais os seus desejos serão integralmente correspondidos tais como foram nos inúmeros sonhos diurnos que teve até o momento do encontro. (Alberti, 2004)

Donde o encontro sexual é uma questão de semblantes que possibilitam o gozo que nunca é todo fálico. A possibilidade da relação sexual no momento da puberdade, abre a via do encontro com o que fura o gozo fálico. É por isso, finalmente, que a literatura, a arte, a mitologia e depois a própria psicanálise de Freud com Lacan pode até mesmo identificar a Mulher com o Outro sexo. Pelo fato de não poder gozar com o órgão referido ao falo pela simples razão de não tê-lo, a mulher não tem os mesmos limites ao gozo que o homem, o que definitivamente indica que há outra coisa.

O Outro sexo, com o qual o sujeito adolescente se encontrará é, finalmente, o nome da coisa que separa toda sua experiência dos sonhos infantis, apontando nele sua incompletude, determinando impossíveis, exigindo uma posição sexuada dependente de sua maior ou menor coragem para enfrentar o seu destino de definitivamente humanizar-se.

### **3. Metodologia: Percurso da pesquisa**

A seguir, demonstraremos todo o processo pelo qual a pesquisa foi realizada.

### 3.1 – Primeiros Passos

A inspiração da presente pesquisa nasceu no cotidiano profissional em sala de aula, junto a jovens adolescentes<sup>3</sup> de colégios tradicionais de classe média do Rio de Janeiro. Tal inspiração ocorreu a partir de aulas de conversação em inglês, as quais se apoiavam em um comercial estadunidense sobre a importância do uso da camisinha, como eficaz método de prevenção contra a gravidez e doenças sexualmente transmissíveis. Fruto do nítido interesse dos alunos sobre sexualidade, abordada no comercial exibido em sala de aula, tanto pela sua forma, como conteúdo, foi considerado oportuno aprofundar uma pesquisa acerca deste tema na adolescência, sob a ótica da Análise do Discurso de base enunciativa. A pesquisa passaria a ter como propósito a identificação das vozes que atravessam o discurso do adolescente de hoje, tais como as diferentes vozes que interferem na formação do adolescente contemporâneo quanto à questão da sexualidade.

Diante deste tema surgiram indagações iniciais, tais como: onde o adolescente fala, lê e escreve sobre sexo? Onde o adolescente busca respostas às suas dúvidas?

Com o propósito de encontrar respostas para estas perguntas, foi elaborado e distribuído um questionário<sup>4</sup>. Tal questionário teve como público alvo os mesmos estudantes da atividade de conversação mencionada no primeiro parágrafo. A participação dos estudantes na presente enquête se deu de forma voluntária através do intercâmbio de e-mails. O questionário foi estruturado para identificar, através deste público alvo, que fontes veiculadas pela mídia impressa são lidas pelos adolescentes, do início deste novo milênio, de forma a mantê-los informados e atualizados quanto ao tema sexualidade. O questionário, dividido em duas partes, solicitava na sua primeira questão uma livre dissertação, por parte do adolescente, a respeito das dicotomias: Sexo/AIDS e Prazer / Proteção – Como o adolescente encara esse problema? Na segunda questão, o participante encontrava a seguinte pergunta: Há revistas veiculadas no mercado, e de interesse dos adolescentes que mencionem esse tema? Quais? Esta segunda parte do questionário visava à identificação específica das fontes veiculadas pela mídia impressa, conforme o supracitado no presente parágrafo. É importante salientar que a primeira questão, embora não essencial para a presente pesquisa, visava manter aceso o espírito motivador, percebido em sala de aula, quanto à sexualidade.

---

<sup>3</sup> Estudantes da 8ª série do Ensino Fundamental, 1ª e 2ª séries do Ensino Médio.

<sup>4</sup> O questionário em tela encontra-se na seção de anexos da presente dissertação.

O questionário foi aplicado a um total de 207 indivíduos, no período de setembro de 2004 a janeiro de 2005. Como resultado, obtivemos um total de 144 respostas dos estudantes, sendo 98 provenientes do sexo feminino e de 46 do sexo masculino.

Decorrente das respostas obtidas, as revistas mais apontadas pelos adolescentes, foram as seguintes:

<i>Fontes citadas</i>	Total de menções
Revista <i>CAPRICH</i> O	136
Revista <i>TiTiTi</i>	87
Revista <i>ATREVIDA</i>	76
Revista <i>PLAYBOY</i>	41

Visto ser a revista *CAPRICH*O a fonte mais citada, realizamos uma investigação a respeito dessa mídia impressa, conforme apresentado no item a seguir.

### 3.2 – A Revista *CAPRICH*O

Para melhor consubstanciar a nossa pesquisa, antes de adotar a revista *CAPRICH*O como nossa fonte de referência, buscamos obter o máximo de informações quantitativas e qualitativas a respeito da mesma.

Nossa primeira incursão foi junto à Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, a qual não dispõe de maiores informações além da edição nº. 1 da revista.

A seguir buscamos contato com a Editora Abril, através do endereço eletrônico na internet, [capricho.abril@atleitor.com.br](mailto:capricho.abril@atleitor.com.br), responsável pela publicação da presente revista. Em resposta ao solicitado, recebemos via e-mail<sup>5</sup>, informações de que a mesma foi criada em 1952, e é considerada a primeira revista feminina dirigida ao público adolescente. Sua tiragem atual é de 250 mil exemplares por edição, sendo que mais de 60 mil se destinam aos assinantes e 120 mil são vendidos em bancas e supermercados. Uma importante informação é a de que, na atualidade, 60% das páginas da revista *CAPRICH*O são destinadas a editoriais e reportagens enquanto, 40% são para publicidade.

A revista manteve seu nome até os dias de hoje, o que denota uma identificação com o público, ou seja, quando se fala no nome da revista, esta é logo reconhecida. A revista *CAPRICH*O tem periodicidade quinzenal.

<sup>5</sup> Informações via e-mail, em 08/01/2005, por Simone Miranda, responsável pelo atendimento ao leitor da Revista *Capricho*.

A revista *CAPRICHÔ* ao longo dos anos sofreu algumas modificações como, por exemplo, no seu estilo. Quando surgiu, era uma revista que apresentava fotonovelas. Alteraram-se, também, o tipo de papel de impressão, o grafismo e o cromatismo. Na realidade, não foram modificados o nome e o público alvo preponderantemente feminino.

Atualmente, além da mídia impressa, há um *site* na internet, *www.capricho.com.br*, onde a revista veicula matérias adicionais. Salientamos que este material *online* não será objeto de nosso trabalho.

### 3.3 Rumo à delimitação do *corpus* da pesquisa

O processo de obtenção do material a ser pesquisado iniciou-se a partir de contatos diretos com a Editora Abril, via e-mail, baseado na suposição de que todas as edições da revista já se encontrassem digitalizadas e arquivadas pela própria editora. Por outro lado nos foi dito<sup>6</sup> que o acesso às edições anteriores da revista seria mediante pagamento por página reproduzida, e que a seleção do material se daria na própria Editora Abril em São Paulo. Vista a inviabilidade econômica que esta solução proporcionava, buscamos um caminho alternativo, que se constituiu na obtenção do maior número possível de exemplares da revista *CAPRICHÔ* através dos próprios participantes da enquete, citados em 3.1. Este procedimento mostrou-se satisfatório para a proposta do presente trabalho. Assim, entre janeiro e fevereiro de 2005, foi possível coletar um total de 63 revistas não repetidas, referentes ao período de 2000 a 2004. Uma vez que nem todas as revistas incluem a seção *Sexo* em sua grade, isso nos exigiu a aplicação de um filtro sobre este total, o que resultou na distribuição do quadro que se segue:

<i>Ano</i>	<i>Total de revistas obtidas com a seção Sexo</i>
2000	5
2001	6
2002	10
2003	7
2004	11
Total	39

<sup>6</sup> Informações via e-mail, em 17/01/2005, por Simone Miranda, responsável pelo atendimento ao leitor da Revista *CAPRICHÔ*.

Diante do espaço amostral acima tabelado, e dada a exigüidade de tempo, adotamos o ano de 2000, ano simbólico da virada do milênio, como padrão para o quantitativo anual de revistas que contivessem a seção *Sexo*, aplicado para todo o período.

Uma análise preliminar dos artigos publicados nas seções do ano de 2001 mostrou que tais seções seguiam a mesma estrutura tanto em forma como em linguagem daqueles publicados em 2000. Por esta razão, foram adotados os artigos publicados em 2000 como representativos deste biênio.

Com relação ao ano de 2002, foi possível observar uma nítida ruptura na estruturação dos artigos, pois a revista *CAPRICHÔ* passa a introduzir na seção *Sexo*, a assinatura da especialista Laura Muller. Simultaneamente, ocorre uma mudança substancial no *layout* da seção, bem como a quem a revista dá a voz, melhor abordada nos capítulos seguintes.

Mantidas as devidas proporções, as considerações feitas acima entre os anos de 2000 e 2001 se aplicam novamente para os anos de 2002 e 2003. Assim sendo, foram selecionadas as seções de 2002 como representativas do biênio 2002 e 2003.

Por último, no ano de 2004 percebe-se novamente uma mudança de *layout* e de conteúdo nas seções escolhidas, não tão expressiva quanto aquela ocorrida em 2002, porém merecedora de atenção e de suas inclusões para a nossa análise.

Seguindo o critério anteriormente estabelecido, o qual define um quantitativo anual de cinco seções *Sexo* da revista *CAPRICHÔ*, para os anos de 2002 e de 2004, foi necessário proceder a uma análise prévia que identificasse e nos permitisse selecionar aquelas seções que apresentassem a maior diversidade de temas, com um menor índice de repetições dos mesmos.

Assim sendo, após a leitura e releitura dos enunciados de todas as seções obtidas, chegamos ao somatório das 15 seções escolhidas, obedecendo aos critérios acima estabelecidos pelo pesquisador para a composição do *corpus*.

### **3.3.1 – A importância de selecionar uma categoria de análise adequada ao *corpus* em questão**

Escolhidas as 15 seções *Sexo* da Revista *CAPRICHÔ* que compõem o nosso *corpus*, faltava ainda selecionar a categoria de análise. Em outras palavras, faltava delimitar que entrada lingüística seria produtiva para explicitar o interesse do material até então selecionado para a análise em questão.

A decisão por uma categoria de análise levou em conta os seguintes fatores inter-relacionados: os objetivos da pesquisa e a natureza do material selecionado. Priorizamos o discurso relatado como categoria de análise capaz de atender ao objetivo que traçamos nesta pesquisa; uma vez que a voz do outro constitui uma estratégia enunciativa recorrente nas revistas direcionadas ao público adolescente, consideramos ser essa forma de integração da voz alheia nos enunciados selecionados para o nosso *corpus* um recurso importante na construção do tema.

Através da categoria do discurso relatado, tão presente nos recortes que compõem nosso *corpus*, podemos identificar a quem a revista dá a voz, que perfis de enunciadores são mobilizados e construídos discursivamente no que toca a questão da sexualidade, que posição enunciativa eles ocupam na seção e o que nos permitem apreender dos diferentes efeitos de sentido que se produzem na seção *Sexo* da revista *CAPRICHÔ*.

Cabe ressaltar que o nosso movimento de análise dos enunciados que compõem o nosso *corpus* são apenas aqueles cujas marcas lingüísticas assumem forma de discurso relatado. Enunciados que se apresentavam sob a forma de entrevista ou propagandas comerciais da seção não foram foco de nossa atenção.

### 3.3.2 – O *corpus*

O *corpus*<sup>7</sup> delimitado é o seguinte:

- Revista CAPRICHÔ - Ano 2000:

Revista CAPRICHÔ – Edição nº. 835 - Seção: Sua Vida – Sexo – Página: 104

Data: 07 de maio de 2000

Revista CAPRICHÔ – Edição nº. 838 - Seção: Sua Vida – Sexo – Página: 73

Data: 18 de junho de 2000

Revista CAPRICHÔ – Edição nº. 841 - Seção: Sua Vida – Sexo – Página: 71

Data: 30 de julho de 2000

Revista CAPRICHÔ – Edição nº. 842- Seção: Sua Vida – Sexo – Página: 76

Data: 13 de agosto de 2000

Revista CAPRICHÔ – Edição nº. 843 - Seção: Sua Vida – Sexo – Página: 71

Data: 27 de agosto de 2000

---

<sup>7</sup> Os recortes que compõem o *corpus* dessa dissertação encontram-se no Anexo 2.

□ Revista CAPRICHÓ Ano 2002:

Revista CAPRICHÓ – Edição nº. 883 - Seção: Sua Vida: Sexo – Página: 83

Data: 10 de março de 2002

Revista CAPRICHÓ – Edição nº. 885 - Seção: Sexo por Laura Muller – Página: 74

Data: 07 de abril de 2002

Revista CAPRICHÓ – Edição nº. 887 - Seção: Sexo por Laura Muller – Página: 60

Data: 05 de maio de 2002

Revista CAPRICHÓ – Edição nº. 891 - Seção: Sexo por Laura Muller – Página: 61

Data: 30 de junho de 2002

Revista CAPRICHÓ – Edição nº. 897 - Seção: Sexo por Laura Muller – Página: 53

Data: 22 de setembro de 2002

□ Revista CAPRICHÓ Ano 2004:

Revista CAPRICHÓ – Edição nº. 931 - Seção: Sexo por Laura Muller – Página: 44

Data: 11 de janeiro de 2004 - [lmuller.abril@capricho.com.br](mailto:lmuller.abril@capricho.com.br)

Revista CAPRICHÓ – Edição nº. 935 - Seção: Sexo por Laura Muller – Página: 66

Data: 07 de março de 2004 - [lmuller.abril@capricho.com.br](mailto:lmuller.abril@capricho.com.br)

Revista CAPRICHÓ – Edição nº. 937 - Seção: Sexo por Laura Muller – Página: 90

Data: 04 de abril de 2004 – [lmuller.abril@capricho.com.br](mailto:lmuller.abril@capricho.com.br)

Revista CAPRICHÓ – Edição nº. 943 - Seção: Sexo por Laura Muller – Página: 66

Data: 27 de junho de 2004 – [www.capricho.com.br](http://www.capricho.com.br)

Revista CAPRICHÓ – Edição nº. 949 - Seção: Sexo por Laura Muller – Página: 89

Data: 19 de setembro de 2004 – [www.capricho.com.br](http://www.capricho.com.br)

### 3.4 – Os procedimentos de Análise

Uma vez que a atividade midiática constitui um importante instrumento na circulação de discursos sociais, o procedimento de análise que adotamos se fundamenta na perspectiva enunciativa, que trata os enunciados como produtos de uma construção discursiva, desfazendo

qualquer ilusão sobre a impressão de que aquilo que é dito constitui uma realidade dos fatos, só podendo ser enunciado de uma única maneira.

Em um primeiro momento, procuramos identificar por meio das marcas de discurso relatado quem são os sujeitos aos quais o enunciador-repórter da revista dá voz, e, conseqüentemente, compreender as estratégias discursivas adotadas pela mídia quanto à sexualidade na adolescência. Nosso estudo exploratório e descritivo centrou-se na produção de sentidos e significados desses discursos, procurando identificar como os saberes encontram-se no espaço midiático, de forma a contribuir para a construção do adolescente mais informado e ciente de sua condição. Este estudo tem a perspectiva de contribuir para ampliar e aprofundar a discussão sobre as vozes que atravessam o discurso midiático para o desvendamento de tabus, preconceitos, medos, anseios e dúvidas que permeiam a vida dos adolescentes da pós-modernidade.

Nosso objetivo é a partir da totalidade das vozes trazidas em discurso relatado presentes nas seções, traçar um perfil discursivo dos sujeitos que sustentam tais vozes, e chamar a atenção sobre aqueles que sofrem apagamento no decorrer da análise dentro do espaço amostral já pré-determinado.

Em outro momento de nosso movimento de análise, concentrar-nos-emos, particularmente, na identificação das marcas lingüísticas deixadas pelas formas de discurso relatado nas seções que compõem o nosso *corpus*. Com isto, pretendemos mostrar todos os fragmentos de discurso relatado encontrados, assim como as diferentes formas de discurso relatado utilizadas nos artigos do nosso *corpus*. Desta forma, não é nossa intenção, ao realizar esse exercício, detectar, por exemplo, relações quantitativas entre as formas de discurso relatado encontradas. Pretendemos identificar diferentes formas de discurso relatado encontradas em nossos textos, evidenciando seus sinais e mostrando sua importância na construção dos diversos saberes que tocam o tema sexualidade na adolescência.

Para facilitar nosso trabalho de análise, partiremos da construção de quadros<sup>8</sup> com as ocorrências de discurso relatado em cada uma das 15 seções que compõem o *corpus*, onde constam o fragmento selecionado, a forma de discurso relatado presente, a marca lingüística e a fonte enunciativa.

Podemos notar que a revista *CAPRICHÔ* como indústria cultural carrega em seus textos outros sentidos além da informação, assim como o nivelamento de opinião e de

---

<sup>8</sup> Os quadros identificadores de discurso relatado presentes no *corpus* encontram-se no Anexo 3.

condutas, e comportamentos. A análise dos enunciados inseridos nos recortes que constituem o *corpus* de nossa pesquisa emprega como marco teórico o discurso relatado.

É importante mencionar que o poder da atual mídia caracteriza-se como o poder de introduzir sentidos projetados e legitimados, dando visibilidade aos fenômenos que conseguiram atrair os jornalistas. Portanto, a visão do repórter não se limita entre ao acontecido e ao público leitor.

Num terceiro momento, a organização da presente análise procede de acordo com os temas abordados na seção, uma vez que acreditamos ser este um elemento facilitador para a leitura e apreciação do leitor. Sendo o foco de nossa pesquisa a sexualidade na adolescência, optamos por categorizar 'sexualidade' com os seguintes temas que se apresentam nos enunciados da seção *sexo* nos recortes que compõem o nosso *corpus*: infecções/doenças sexualmente transmissíveis; corpo; prazer sexual; gravidez; orientação sexual e drogas. Observamos que nem todas as instâncias se repetem nos anos de 2000, 2002 e 2004, como demonstramos a seguir:

☐ Temas apresentados nos recortes do ano 2000 da seção *Sexo* da revista *CAPRICHÔ*

- ☐ Infecções / Doenças Sexualmente Transmissíveis
- ☐ Corpo
- ☐ Prazer Sexual
- ☐ Prevenção de Doenças / Gravidez

☐ Temas apresentados nos recortes do ano 2002 da seção *Sexo* da revista *CAPRICHÔ*

- ☐ Infecções / Doenças Sexualmente Transmissíveis
- ☐ Corpo
- ☐ Prazer Sexual
- ☐ Prevenção de Doenças / Gravidez
- ☐ Orientação Sexual
- ☐ Gravidez
- ☐ Drogas

☐ Temas apresentados nos recortes do ano 2004 da seção *Sexo* da revista *CAPRICHÔ*

- ☐ Infecções / Doenças Sexualmente Transmissíveis
- ☐ Corpo
- ☐ Prazer Sexual

□Prevenção de Doenças / Gravidez

□Gravidez

A partir das leituras dos enunciados que constituem o *corpus* da pesquisa, é possível perceber os conceitos implícitos na revista no trato dos temas mais relevantes relacionadas à sexualidade. Com o propósito de facilitar o entendimento do trabalho que se segue, apresentamos abaixo os temas em questão e os seus respectivos significados dentro do contexto da seção da revista:

- **Infecções / doenças sexualmente transmissíveis** – HIV; AIDS; DSTs; ISTs; vírus; contaminação; chato; parasitas;
- **corpo** – menstruação; cólica menstrual; vagina; clitóris; pênis; dor no pênis; ereção;
- **prazer sexual** – beijos; abraços; carinhos; excitação; amassos; experiências sexuais; fazer sexo; penetração sexual; transa; transar; sensação gostosa; desejo sexual; falta ou diminuição do desejo; tesão; tocar; sexo oral; sexo anal; masturbação;
- **prevenção de doenças / gravidez** – pílula; camisinha masculina/feminina; preservativo masculino e feminino; injeção preventiva contra a gravidez; anticoncepcionais;
- **orientação sexual** – lésbica; masturbação com parceiro do mesmo sexo; namorar e dividir coisas com a pessoa do mesmo sexo;
- **gravidez** – grávida, engravidar; gravidez;
- **drogas** – drogas; embriagado

Ao término da análise dos enunciados inseridos em cada uma das categorias encontradas no *corpus*, é apresentada, sobre o DR inserido em cada uma delas, um diagnóstico dos resultados obtidos. O conjunto de todos os diagnósticos suportará a elaboração da resposta à pergunta central da presente pesquisa, ou seja, a compreensão das estratégias discursivas adotadas pela mídia quanto à sexualidade na adolescência.

Os diagnósticos acima descritos discorrem sobre as vozes que atravessam o discurso midiático para o desvendamento de tabus, preconceitos, medos, anseios e dúvidas que permeiam a vida dos adolescentes da pós-modernidade no que toca a sexualidade.

#### 4. Quadro teórico: Uma perspectiva discursiva de análise

Escolhemos como enfoque teórico a AD com base enunciativa. Centramos nossa atenção nas noções de discurso, enunciação e dialogismo, e gênero discursivo. Com base na heterogeneidade enunciativa focalizamos a noção de discurso relatado como marca lingüística relevante no discurso midiático em questão. Nosso objetivo é observar como o discurso relatado inscreve a voz alheia nos artigos sobre sexualidade na revista *CAPRICHIO*. Pretendemos identificar, na materialidade lingüística dos enunciados inseridos nos artigos da referida seção, as marcas deixadas pelas diferentes formas discursivas e apontar a sua inscrição estratégica na construção discursiva de um dizer que se supõe imparcial e objetivo. É importante notar que, ainda que haja parâmetros gerais para sinalizar a presença de uma marca de DR em um enunciado, há diferentes modos pelos quais esses enunciados podem se revelar em um texto. Procuramos então, efetuar um estudo exploratório e descritivo das marcas lingüísticas de DR, apontando operações discursivas pelas quais se realiza a voz do outro. Nossa intenção é identificar as formas de inserção da voz de outrem em nossos textos, a fim de ter uma visão crítica em relação à maneira pela qual tais marcas operam na construção de um dizer que aproveita a voz do outro para imprimir legitimidade quanto à questão da sexualidade na adolescência inscrita nos enunciados em DR das categorias por nós estabelecidas na seção *Sexo* da revista *CAPRICHIO*. Portanto, procuraremos identificar, através do discurso relatado inserido no *corpus*, quem fala, o que fala e para quem fala. Esta análise, por sua vez, procura identificar as vozes que atravessam o discurso da mídia que fala ao adolescente contemporâneo, tais como as diferentes vozes que possam interferir na formação deste quanto à questão da sexualidade.

##### 4.1 – Noções acerca do discurso

Dentre os conceitos acerca da melhor definição para a palavra discurso, selecionamos algumas às quais muito nos auxiliam a analisar o *corpus* da pesquisa.

Mouillaud (1997 *apud* Serra 2001) advoga que discurso, como a própria palavra indica, origina-se do latim *discurrere*, vindo por sua vez do próprio latim *currere* e significa discorrer, atravessar, expor. É um exposto metódico, algo que flui (noção de continuidade), uma operação mental que se processa através de uma série de operações intermediárias e parciais (noção de descontinuidade).

A compreensão do vocábulo discurso apresenta uma vasta variância entre os diferentes enfoques das diversas tendências ou correntes que trabalham com esta questão. Segundo a corrente francesa, os discursos são produtos culturais entendidos como textos, como formas empíricas do uso da linguagem verbal, oral ou escrita e/ou outros sistemas semióticos no interior de práticas sociais contextualizadas histórica e socialmente.

Buscamos também para definir discurso o autor Foucault, que supera uma abordagem basicamente lingüística do discurso, uma vez que amplia seu campo de preocupação para além da palavra e do texto em si, dizendo que:

Os discursos são feitos de signos. Mas o que fazem é mais que utilizar esses signos para designar coisas. É esse mais que os torna irreduzíveis à língua e ao ato de fala. É esse mais que é preciso fazer aparecer e que é preciso descrever. (Foucault, 1987:56)

Compreendendo que os discursos são produtos culturais, podemos ainda citar Emile Benveniste (1989). O referido autor traz para o estudo da lingüística o problema da contextualização e privilegia a relação entre a língua e cultura como base da teoria da enunciação.

Benveniste coloca que a linguagem surge como um produto da cultura, que é assimilada pelo homem e pelo qual domina a natureza. Segundo este autor, todo mecanismo de cultura revela-se de caráter simbólico e, então, a língua é definida como um sistema interpenetrante em todos os outros. Benveniste afirma que ela dá ao homem o domínio sobre o mundo.

Orlandi (1987) advoga que, pela ótica discursiva, as palavras, os textos configuram-se como partes de formações discursivas, que, por sua vez, são entendidas como um conjunto de redes intrincadas de relações que imbricam história e tecnologias, construção de conhecimento e discursos num domínio específico, portanto, reproduzem poder (Foucault, 1990).

A formação discursiva é sua relação com a formação ideológica e é caracterizada pelas marcas estilísticas e tipológicas que se constituem na relação da linguagem com as condições de produção.

Orlandi (1987:153) citando Pêcheux expõe que:

Um tipo de discurso resulta do funcionamento discursivo, sendo este último definido como a atividade estruturante de um discurso determinado, para um interlocutor determinado, por um falante determinado, com finalidades específicas. Observando-se sempre, que esse 'determinado' não se refere nem ao número, nem a presença física, ou à situação objetiva dos interlocutores como pode ser descrita pela sociologia. Trata-

se de formações imaginárias, de representações, ou seja, da posição dos sujeitos no discurso.

Há, portanto, diversos tipos de discursos. Para Orlandi (1987), estes estão classificados em: discurso lúdico, discurso autoritário e discurso polêmico.

O discurso lúdico é aquele em que o receptor (ou a percepção) se apropria da realidade-referente, submetendo a transmissão a fatores aleatórios e/ou às necessidades da própria linguagem. O discurso aqui tende à mudança, à polissemia e à multiplicidade do sentido. Aqui surgem as diferenças e o novo.

O discurso autoritário remete ao fato do emissor impor as suas necessidades de transmissão à realidade-referente da linguagem. O discurso tende à 'paráfrase', ou seja, à repetição da identidade do sentido e da ordem subjacente à sua transmissão. O resto é 'ruído'. Esta tendência à causalidade caracteriza a linguagem como redundância.

No discurso polêmico, o sentido é construído pela reversibilidade dialógica entre os pólos interlocutores da linguagem. O discurso, neste caso, é uma 'tensão' entre a paráfrase e a polissemia, entre a identidade e a multiplicidade. Esta tensão caracteriza, devido ao seu efeito estruturante do sentido, à reorganização da linguagem.

A fim de discorrer acerca do discurso científico, recorremos a Foucault, autor fundamental na definição de que os discursos funcionam de acordo com algumas regras preestabelecidas, isto é, dentro de determinadas condições de produção. Em seu clássico livro "A Ordem do Discurso", encontramos um resgate histórico de como sempre os discursos representam o poder e, por isso, muitas vezes, necessitam ser controlados.

Segundo Foucault (1999), a troca e a comunicação caracterizam-se como figuras positivas que atuam no interior de sistemas complexos de restrição e, sem dúvida, não poderiam funcionar sem estes. Segundo o autor, a forma mais superficial e mais visível desses sistemas de restrição é constituída pelo que se pode agrupar sob o nome de ritual.

O ritual define a qualificação que devem possuir os indivíduos que falam (e que, no jogo de um diálogo, da interrogação, da recitação, devem ocupar determinada posição e formular determinado tipo de enunciados); define os gestos, os comportamentos, as circunstâncias, e todo o conjunto de signos que devem acompanhar o discurso; fixa, enfim, a eficácia suposta ou imposta das palavras, seu efeito sobre aqueles aos quais se dirigem, os limites de seu valor de coerção.

Os discursos religiosos, judiciários, terapêuticos e, em parte também, políticos não podem ser dissociados dessa prática de um ritual que determina para os sujeitos que falam, ao mesmo tempo, propriedades singulares e papéis preestabelecidos.

Se resgatarmos a história dos discursos, podemos perceber que, em cada momento, a busca da verdade mantém-se presente, assim como, as formas de controle de sua circulação. Para falarmos, porém, do discurso científico, nos ateremos ao século XIX, quando ocorreram grandes mutações científicas.

Focault (1999) ainda advoga que estas mutações científicas podem ser lidas, às vezes, como conseqüências de uma descoberta, mas podem, também, ser lidas como aparição de novas vontades da verdade, até mesmo, porque não podemos deixar de lembrar que os discursos funcionam de acordo com rituais que garantem poder ao discurso.

#### **4.2 Enunciação e Dialogismo**

Segundo Bakhtin (1992), a enunciação é o produto da interação de dois indivíduos socialmente organizados, pois sua natureza é social. A enunciação não existe fora de um contexto sócio-ideológico, em que cada locutor tem um "horizonte social" bem definido, pensado e dirigido a um auditório social também definido. Portanto, a enunciação procede de alguém e se destina a alguém. Qualquer enunciação propõe uma réplica, uma reação.

Toda enunciação completa é constituída de significação e de tema ou sentido. Esses dois elementos integram-se, formando um todo, e sua compreensão só é possível na interação. A significação é a parte geral e abstrata da palavra; são os conceitos que estão nos dicionários responsáveis pela compreensão entre os falantes.

Brandão (2002) advoga que a noção de recepção/compreensão ativa proposta por Bakhtin ilustra o movimento dialógico da enunciação, a qual constitui o território comum do locutor e do interlocutor. Nesta noção podemos resumir o esforço dos interlocutores em colocar a linguagem em relação frente a um e a outro. O locutor enuncia em função da existência (real ou virtual) de um interlocutor, requerendo deste último uma atitude responsiva, com antecipação do que o outro vai dizer, isto é, experimentando ou projetando o lugar de seu ouvinte. De outro lado, quando recebemos uma enunciação significativa, esta nos propõe uma réplica: concordância, apreciação, ação, etc. E, mais precisamente, compreendemos a enunciação somente porque a colocamos no movimento dialógico dos enunciados, em confronto tanto com os nossos próprios dizeres quanto com os dizeres alheios.

Compreendemos os enunciados alheios quando "reagimos àquelas (palavras) que despertam em nós ressonâncias ideológicas ou concernentes à vida." (id. *ibid.*, p. 95). Compreender, portanto, não equivale a reconhecer o "sinal", a forma lingüística, nem a um

processo de identificação; o que realmente é importante é a interação dos significados das palavras e seu conteúdo ideológico, não só do ponto de vista enunciativo, mas também do ponto de vista das condições de produção e da interação locutor/receptor. Assim; na visão bakhtiniana, "a verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas lingüísticas, nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da interação verbal, realizada através da enunciação ou das enunciações. A interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua." (id. *ibid.*, p. 123).

Segundo Bakhtin (id. *ibid.*, p. 123), "O diálogo, no sentido estrito do termo, não constitui, é claro, senão uma das formas, é verdade que das mais importantes, da interação verbal. Mas pode-se compreender a palavra 'diálogo' num sentido mais amplo, isto é, não apenas como a comunicação em voz alta, de pessoas colocadas face a face, mas toda comunicação verbal, de qualquer tipo que seja. O livro, isto é, o ato de fala impresso, constitui igualmente um elemento da comunicação verbal. Ele é objeto de discussões ativas sob a forma de diálogo e, além disso, é feito para ser apreendido de maneira ativa, para ser estudado a fundo, comentado e criticado no quadro do discurso interior, sem contar as reações impressas, institucionalizadas, que se encontram nas diferentes esferas da comunicação verbal (críticas, resenhas, que exercem influência sobre trabalhos posteriores, etc.). Além disso, o ato de fala sob a forma de livro é sempre orientado em função das intervenções anteriores na mesma esfera de atividade, tanto as do próprio autor como as de outros autores: ele decorre portanto da situação particular de um problema científico ou de um estilo de produção literária. Assim, o discurso escrito é de certa maneira parte integrante de uma discussão ideológica em grande escala: ele responde a alguma coisa, refuta, confirma, antecipa as respostas e objeções potenciais, procura apoio, etc."

Nessa perspectiva, o diálogo, tanto exterior, na relação com o Outro, como no interior da consciência, ou escrito, realiza-se na linguagem. Refere-se a qualquer forma de discurso, quer sejam as relações dialógicas que ocorrem no cotidiano, quer sejam textos artísticos ou literários. Bakhtin considera o diálogo como as relações que ocorrem entre interlocutores, em uma ação histórica compartilhada socialmente, isto é, que se realiza em um tempo e local específicos, mas sempre mutável, devido às variações do contexto. Segundo Bakhtin, o dialogismo é constitutivo da linguagem, pois mesmo entre produções monológicas observamos sempre uma relação dialógica; portanto, todo gênero é dialógico.

### 4.3 – Gêneros do discurso

O enunciado é a unidade real da comunicação discursiva. Todas as esferas da atividade humana estão relacionadas com o uso da língua que se evidencia em forma de enunciados (orais e escritos) concretos e singulares. Esses enunciados refletem as situações específicas e o objeto de cada uma das esferas da atividade humana, não só pelo seu conteúdo (temático) e pelo seu estilo verbal (seleção de recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua), mas também, principalmente, pela sua organização composicional.

Os tipos relativamente estáveis de enunciados elaborados de acordo com cada esfera de troca social (esfera de utilização da língua) são chamados de gêneros do discurso. Bakhtin (1997, p. 302) afirma: "Se não existissem os gêneros do discurso e se não os dominássemos, se tivéssemos de criá-los pela primeira vez no processo da fala, se tivéssemos de construir cada um de nossos enunciados, a comunicação verbal seria quase impossível." Ao utilizarmos a língua, sempre o fazemos num dado gênero, ainda que possamos não ter consciência disso. A variedade dos gêneros discursivos é muito grande, abrangendo tanto situações de comunicação oral como de escrita, englobando, desde as formas cotidianas mais padronizadas (saudações, despedidas, felicitações, etc.) até as mais livres (conversas de salão ou bares, íntimas entre amigos ou familiares, etc.) e formas discursivas mais elaboradas como as literárias, científicas, retóricas (jurídicos, políticos), etc.

Bakhtin (id. *ibid.*, p. 281) subdivide os gêneros em duas categorias: primários (simples) e secundários (complexos). O autor considera como gêneros primários todas as circunstâncias em que uma comunicação verbal é realizada espontaneamente. Os gêneros secundários, por sua vez, sofreriam um processo de formulação, e são aqueles que aparecem em circunstâncias de comunicação mais complexas, como é o caso do discurso científico, ideológico, de um romance, entre outros.

Gêneros primários e secundários possuem determinados referentes. Uma determinada forma de composição e um determinado estilo. Em função das variáveis individuais dos enunciados produzidos pelo indivíduo, o estilo do gênero também será modificado de acordo com o estilo próprio de cada falante. Há gêneros mais propícios a essa modificação, mais criativos, revelando mais livremente a individualidade de quem fala, como os gêneros orais e literários, ao contrário dos mais formalizados e padronizados, porque nos primeiros o estilo individual faz parte do empreendimento enunciativo. Apesar de serem mais livres, criativos, isso não significa a recriação de um gênero, porque para usá-los livremente, é preciso um bom

domínio dos gêneros. As pessoas, para se interagirem discursivamente, precisam saber expressar-se em diferentes situações e, portanto, dominar os gêneros das diferentes esferas sócio-discursivas. Por isso, é comum pessoas, que, mesmo tendo um bom domínio lingüístico-discursivo em determinadas situações, não conseguirem se expressar de maneira eficaz em outro contexto. Bakhtin disse tratar-se de uma inabilidade de dominar os gêneros específicos daquela esfera. Como exemplo, ele cita um homem que domina muito bem a fala em uma esfera da comunicação cultural, sabe fazer uma explanação, trava uma discussão científica, mas apresenta constrangimento em uma conversa social. Logo, o que ocorreu não foi devido a problema de vocabulário ou de estilo, mas, à inabilidade de dominar os gêneros de uma conversa social.

Os gêneros apresentam uma progressiva complexidade, ou seja, passam de primário para secundário, tornando-se instrumentos para novas construções. Em seu processo de formação, os gêneros secundários absorvem e transmutam os gêneros primários, e estes últimos, como componentes dos primeiros, perdem a relação com a realidade imediata e com a realidade dos enunciados do Outro, conservando sua forma e significado, mas só se integrando à realidade do gênero secundário. Um exemplo disso é dado por Bakhtin: a carta (gênero primário) no interior do romance (gênero secundário) só se integra à realidade do romance como fenômeno da vida literária e não da vida cotidiana. Na concepção bakhtiniana não pode haver enunciado isolado. Um enunciado sempre pressupõe enunciados que o precederam e que o sucederão; ele nunca é o primeiro, nem o último; é apenas o elo de uma cadeia e não pode ser estudado fora dessa cadeia. Bakhtin estabelece as fronteiras do enunciado para delimitar os gêneros; estes critérios são indissociáveis: a alternância dos sujeitos falantes, o acabamento específico do enunciado (é a alternância dos sujeitos falantes vista do interior do enunciado), as relações dos enunciados com os do locutor e com os do Outro. A totalidade acabada do enunciado para poder suscitar uma reação de resposta depende de três fatores indissociáveis: o tratamento exaustivo do objeto do sentido (seu tema que varia conforme as esferas da comunicação verbal); o intuito do locutor ou o querer dizer do locutor; a escolha da forma do enunciado (gênero).

A importância desse último fator refere-se ao fato de que nos expressamos unicamente mediante determinados gêneros discursivos. Para Bakhtin, aprender a falar quer dizer aprender a constituir enunciados (falamos com enunciados, e não com orações). Os gêneros discursivos organizam a nossa fala da mesma maneira que as formas gramáticas sintáticas a organizam.

Ao selecionarmos uma oração, segundo Bakhtin (id. *ibid.*, p. 309), a escolha não se deve à oração em si mesma, mas tem em vista a totalidade dos enunciados que se apresentam em nossa imaginação discursiva. Toda oração está dentro de um contexto, adquirindo sua plenitude de sentido dentro dele, portanto dentro do todo do enunciado.

Essa variedade no uso dos gêneros (a intenção e a escolha feita pelo sujeito falante) é determinada pela situação discursiva, pela posição social e pelas relações pessoais entre os participantes da comunicação. Esses gêneros também admitem em sua estrutura uma determinada entonação expressiva que apresenta as marcas do conteúdo ideológico.

#### **4.4 – Heterogeneidade de vozes**

Segundo Brait (1999), para precisar teoricamente o conceito bakhtiniano de dialogismo, é necessário analisar o princípio da heterogeneidade, a idéia de que a linguagem é heterogênea, isto é, de que o discurso é construído a partir do discurso do outro, que é o ‘já-dito’ sobre o qual qualquer discurso se constrói.

Uma importante contribuição para o entendimento e análise dos discursos é dada por Jacqueline Authier-Revuz, quando ela identifica nos enunciados algumas formas de heterogeneidade que acusam a presença de outros discursos. Para esta autora a polifonia presente nos discursos se efetiva em dois planos distintos: o da heterogeneidade mostrada e o da heterogeneidade constitutiva.

A heterogeneidade mostrada pode acontecer através de formas marcadas ou não marcadas. É o caso do discurso direto, do discurso indireto, das aspas, do itálico e do metadiscorso do locutor (conjunto de expressões, glosas, retoques, comentários). Quando não é marcado, podemos citar o caso do discurso indireto livre, da ironia, da metáfora, dos jogos de linguagem, da imitação.

Pela heterogeneidade mostrada, pode-se perceber como os discursos constituem suas identidades, como delimitam seus limites e fronteiras (Authier-Revuz, 1990). Por outras palavras, ela nos revela a que vozes os discursos necessitam recorrer para se constituir, ao mesmo tempo, em que estabelecem uma relação entre essas vozes.

A heterogeneidade constitutiva, por sua vez, trata-se da polifonia formada pelas vozes da história e da cultura (e também, do inconsciente), que se fazem presentes em todo universo discursivo e em relação à qual o autor não tem controle racional e, às vezes, nem sequer consciência.

#### 4.5 – Noção de discurso relatado

Sendo o discurso o lugar em que várias vozes se fazem presentes, temos aí o princípio da polifonia enunciativa. Esta polifonia pode ser evidenciada em um enunciado através do fenômeno conhecido por discurso relatado. Definimos aqui discurso relatado como sendo a presença no discurso de um discurso outro:

O discurso é o discurso no discurso, a enunciação na enunciação, mas é, ao mesmo tempo, um discurso sobre o discurso, uma enunciação sobre a enunciação. (Bakhtin, 1999:144)

A abordagem de discurso relatado que fundamentará nossa pesquisa é a defendida por autores, entre eles, Maingueneau, (1997; 2001); Authier-Revuz (1990; 1994; 1998), Koch (1990; 1992; 1997), Sant'Anna (2000), Azeredo (2003) e Pêcheux (1993; 1997).

##### 4.5.1 – Discurso Direto (DD)

O discurso direto (DD) se define por exibir na materialidade lingüística do enunciado duas situações de enunciação: a do discurso citante e a do discurso citado, Ainda que a citação nesta forma de discurso reproduza as palavras faladas por outrem, compreende-se que se trata apenas de uma 'encenação', uma vez que a situação de enunciação é reconstruída no enunciado noticioso. Quanto ao discurso citante, Maingueneau (2001) advoga que constitui um introdutor do dito de outrem, devendo indicar que houve um ato de fala – geralmente efetuado por meio de um verbo *dicendi* – e, marcar a fronteira que o separa do discurso citado – o que costuma ser operado por meio de marcas tipográficas como dois pontos, travessões, aspas, itálico.

O verbo *dicendi* tanto pode ocupar uma posição anterior ao discurso direto, estando incluído na fórmula introdutória que o antecede, ou no final da frase, após a fala citada, como podemos verificar nos exemplos a seguir:

O infectologista Artur Timennan explica as razões: "Primeiro, a quantidade de sangue sugada por um pernilongo é extremamente pequena. Segundo, o pernilongo chupa o sangue, mas depois não o 'injeta' em outra pessoa".

Recorte n°. 1 – Revista *CAPRICHOS* – Data: 07 de maio de 2000

"E existem doenças que podem ser transmitidas até quando não existe ferida na boca, basta que haja contato com o órgão sexual contaminado", diz Sônia Penteadó, ginecologista do Hospital das Clínicas de São Paulo.

Recorte n.º. 5 – Revista *CAPRICHÔ* – Data: 27 de agosto de 2000

Nosso ponto de vista sustenta a idéia de que essa forma de inclusão do discurso direto na organização textual cria um efeito de realce da citação com as palavras de outrem, intensificando uma relação em que se delega a responsabilidade pelo enunciado a um outro enunciador. É importante mencionar que o discurso direto propicia uma espécie de ‘exibição’ do trabalho realizado do pelo enunciador editor-repórter, que busca selecionar fontes de informação relevantes para responder às questões supostamente levantadas pelos adolescentes que escrevem para a seção da revista em análise. No caso acima, o enunciador da seção em questão assume uma postura objetiva e neutra diante dos temas abordados, atribuindo a um outro traços de subjetividade, que pode falar em nome próprio, como sujeito individual: ‘O infectologista Artur Timennan **explica** as razões: (...)’ e ‘(...) **diz** Sônia Penteadó, ginecologista’.

A intenção do discurso direto é criar uma aparência de objetividade no relato da fala do outro, isso explica sua grande utilização no discurso midiático. Entretanto, sempre é preciso considerar, conforme menciona Maingueneau, que nos textos escritos toda a situação de enunciação está sendo relatada por um sujeito a alguém que não esteve presente no momento em que ela ocorreu. Só este fato já deixa de forma clara a inserção de subjetividade na narração e por isso, retira de qualquer citação sua objetividade: “[...] por mais que seja fiel, o discurso direto é sempre apenas um fragmento de texto submetido ao enunciador do discurso citante, que dispõe de múltiplos meios para lhe dar um enfoque pessoal” (Maingueneau, 2001, 141).

Em relação ao discurso direto há uma posição tradicional, presente em diversas gramáticas contemporâneas, que apresenta o discurso direto (doravante DD) como aquele em que se reproduz a palavra do outro. Em contrapartida, o discurso indireto (doravante DI) é aquele em que se reformula a palavra do outro. Conforme essa posição, com o DD se garante a fidelidade do dizer (Authier-Revuz, 1998); já com DI a questão da fidelidade se torna complexa uma vez que aí se traduz a palavra do outro. Ainda nessa tradição, o DI também é pensado como sendo uma transformação de um discurso direto, isto é, como um “DD

transformado” um discurso segundo a partir de um discurso primeiro (o DD, no caso), como será explanado a seguir.

#### 4.5.2 – Discurso indireto (DI)

O discurso indireto é uma estratégia discursiva que utiliza uma oração subordinada substantiva e um verbo *dicendi* para operar a integração do discurso alheio. Desta forma as palavras de outrem sofrem uma reformulação por parte do discurso citante, que não as cita literalmente como no discurso direto, mas por meio de suas próprias palavras. Maingueneau advoga que o objetivo do discurso indireto é transmitir o conteúdo do pensamento de outrem. A relevância dessa forma discursiva reside no valor de verdade presente nessa reformulação manifestada pelo discurso citante, como ilustram os enunciados a seguir:

Uma pesquisa divulgada pelo Instituto Social do Bem-Estar da Mulher, ISBEM, **revela** que 50% das jovens brasileiras sofrem com a cólica menstrual. E 10% são vítimas de dores fortes, faltando à escola ou ao trabalho.

Recorte n°. 3 – Revista CAPRICHOS – Data: 30 de julho de 2000

Como precaução, ela [ginecologista Flávia Públio Corrêa] ainda **sugere** que o exame seja repetido a cada seis meses durante dois anos para ter certeza de que não houve contaminação.

Recorte n°. 4 – Revista CAPRICHOS – Data: 13 de agosto de 2000

Em ambos os exemplos citados, o enunciador citante pretende relatar o conteúdo do pensamento do dito de outrem. A fala relatada por sua vez é apresentada sob a forma de uma oração subordinada substantiva objetiva direta, introduzida por um verbo *dicendi* + *que*. De acordo com Maingueneau (2001), a utilização dos verbos *dicendi* **revela** e **sugere** permitem identificar esta forma de discurso relatado, uma vez que ocorre uma reformulação do enunciado de outrem nas palavras do enunciador editor-repórter, o qual ele compartilha com o enunciador citado a responsabilidade pelo dito.

#### 4.5.3 – Modalização em Discurso Segundo

Através da modalização em discurso segundo (Maingueneau, 2001), o enunciador citante traz para o texto o discurso de outrem como forma de apoio para o que diz. Com esse artifício, o enunciador consegue um efeito de distanciamento em relação ao dito, uma vez que a responsabilidade do mesmo corresponde a outrem. Em termos textuais, a introdução do discurso segundo se efetua por meio de modalizadores que antecedem o nome de alguém como: segundo...; para...; de acordo com..., etc. A modalização em discurso segundo também tem o intuito de comentar a própria fala do enunciador. Esta forma pode se apresentar por meio de marcas tipográficas ou por expressões como *melhor dizendo, ou seja, digamos...; provavelmente, etc.*

Quanto ao nosso *corpus*, um exemplo de modalização em discurso segundo, estaria inserido em:

**Segundo** os ginecologistas, é natural que o ciclo seja irregular nos dois primeiros anos da menstruação.

Recorte n.º. 4 – Revista CAPRICHOS – Data: 13 de agosto de 2000

Podemos inferir que, a modalização em discurso segundo no enunciado acima citado, constitui uma forma do enunciador não ser responsável pela fala, assinando o ponto de vista de um outro enunciador, no caso, o ponto de vista dos ginecologistas.

#### 4.5.4 – Intertexto

Dentre os conceitos que abarcam o significado de *intertexto*, priorizamos aqueles que vão de encontro com os enunciados encontrados nos recortes da seção *sexo* da revista *CAPRICHOS*, que fazem parte de nosso *corpus*.

Maingueneau (1984, *apud* Brandão, 2002) advoga duas noções básicas na relação com o Outro. A noção de *intertexto* de um discurso é compreendida como o conjunto dos fragmentos que ele cita efetivamente; ao passo que, a noção de *intertextualidade*, que abrangeria os tipos de relações intertextuais definidas como legítimas que uma formação discursiva (FD) mantém com outras.

A intertextualidade é um fator primordial para a compreensão do sentido global de um texto. Koch (1990) afirma que a intertextualidade é um fator de coerência importante na medida em que, para o processamento cognitivo de um texto, se recorre ao conhecimento prévio de outros textos. Para Barthes (1974), “(...) todo texto é um intertexto; outros textos estão presentes nele, em níveis variáveis, sob formas mais ou menos reconhecíveis”<sup>9</sup>. Isso significa que:

<sup>9</sup> Barthes (1974) é citado por Koch, 1997, p.46.

todo texto é um objeto heterogêneo que revela uma relação radical de seu interior com seu exterior; e desse exterior, evidentemente, fazem parte outros textos que lhe dão origem, que o predeterminam, com os quais dialoga, que retoma, a que alude ou a que se opõe o (...) Essas formas de relacionamento entre textos são, como se verá, bastante variadas.

Bentes (*in* Mussalim e Bentes, 2001) nos diz que:

em nossas práticas cotidianas de linguagem, não percebemos o quanto os produtores utilizam-se dessa rede de relações entre os textos, ao elaborarem os seus próprios textos, e o quanto nós, leitores ou destinatários, não percebemos que, ao processarmos o que lemos ou ouvimos, muitas vezes nos utilizamos de nosso conhecimento sobre outros textos, para atribuir sentido global às diversas formas textuais com as quais estamos em contato.

Koch (1992) distingue entre intertextualidade de conteúdo, intertextualidade de forma e conteúdo e intertextualidade implícita. Ocorre a intertextualidade de conteúdo, por exemplo, entre textos de uma mesma área ou corrente do conhecimento, entre textos de conceitos comuns já definidos em outros textos daquela área; entre matérias de jornais (e da mídia em geral); entre diversas matérias de um mesmo jornal sobre um assunto ou entre matérias de jornais diferentes. Já a intertextualidade de forma e conteúdo, ocorre, por exemplo, quando um autor imita ou parodia estilos, registros ou variedades da língua. A intertextualidade é explícita quando há citação da fonte do intertexto, como acontece no discurso relatado, nas citações e referências dos resumos, resenhas e traduções, e implícita, quando não há citação da fonte, cabendo ao interlocutor, recuperá-la na memória para construir o sentido do texto, como na paródia e em certos tipos de paráfrase ou ironia.

Bakhtin (1993) define, da seguinte forma, o fenômeno da intertextualidade:

Nossa fala [...] é preenchida com as palavras de outros, variáveis graus de alteridade e variáveis graus do que é de nós próprios, variáveis graus de consciência e afastamento. Essas palavras de outros carregam com elas suas próprias expressões, seu próprio tom avaliativo, o qual nós assimilamos, reatualizamos e reacentuamos.

A leitura só existe como forma responsiva e dialógica e, por isso, se prolonga ou se antecipa travando uma dinâmica polêmica e intertextual. Assim, para Barros (1994), de acordo com a visão baktiniana, a intertextualidade não é mais uma dimensão constitutiva do texto; devido à condição dialógica da linguagem, a intertextualidade é a dimensão primeira da qual o texto deriva.

Em nosso *corpus*, como exemplo, encontramos o resgate da possível voz do adolescente trazida pelo enunciador editor-repórter, como veremos a seguir:

**TODO tipo de sexo engravida (anal, oral). É por isso que tem que usar camisinha para tudo.**

Recorte n.º 9 – Revista *CAPRICH*O – Data: 30 de junho de 2002

O enunciado acima se encontra conjugado a uma série de enunciados (ver Anexo 2), que se caracterizam como frases feitas relacionadas à gravidez e que circulam no imaginário dos adolescentes. Koch (1986), acrescenta que ‘a intertextualidade de forma e conteúdo, ocorre, quando um autor imita ou parodia estilos, registros ou variedades da língua.’ No exemplo apresentado, ainda que os quatro enunciados não tenham sido de fato proferidos por adolescentes, pois a intertextualidade é implícita, uma vez que não há citação da fonte, o leitor a recupera na memória para construir o sentido do texto.

Sant’Anna (2000) advoga que o intertexto constitui uma forma de relato que recupera o dito em outro contexto enunciativo e o integra (sem utilizar verbos de ação) ao discurso citante. Segundo a autora, o intertexto funciona como um recurso de apoio para a apresentação de números, estatísticas, conteúdos de leis e acordos, imprimindo credibilidade ao dito por meio da apresentação das certezas técnicas.

Acreditamos que quando o enunciador editor-repórter inscreve no texto midiático uma voz documental, consideramos estar diante de um intertexto. Conforme nota Sant’Anna (2000), poderia se considerar o intertexto como uma subdivisão do discurso indireto, mas isto não ocorre, uma vez que a natureza de sua fonte é diversa daquela que costuma ser atribuída a essa forma de discurso. Na designação de intertexto, focalizamos, então, em nosso *corpus*, a fonte enunciativa, a qual é constituída por um documento. Dado nosso objeto de estudo – a sexualidade na revista *CAPRICH*O –, podemos inferir que um tipo de intertexto constitui peça fundamental de referência: o discurso técnico-científico. Uma vez que este tipo de intertexto funciona no enunciado midiático como um recurso para relatar conteúdos de um documento de cunho técnico-científico, consideramos que o introdutor dessa voz aparentemente documental tanto pode aceitar um verbo *dicendi* ou não, já que, por exemplo, um texto de cunho científico tanto pode prever, modificar, prescrever, determinar, etc. Fato que decorre do objeto que ocupa a posição de sujeito do enunciado em intertexto, o qual constitui um documento, e que, como tal, expressa a sua palavra de forma própria.

Com base no conceito acima descrito, podemos ilustrar uma manifestação de intertexto, inserida no seguinte fragmento com referência à sexualidade na adolescência:

(...) Só no Brasil, há **14811** pessoas que contraíram a doença dessa forma – **9%** do total de casos de HIV.

Recorte n.º. 1 – Revista CAPRICHÔ – Data: 07 de maio de 2000

O caso acima, pode ser apontado como DR na forma de intertexto, uma vez que encontramos sinalizado o conteúdo do dito de outrem, ainda que a fonte enunciativa tenha sido apagada, mas, cuja informação dado trazido por uma estatística de pesquisa, e assumindo o valor de uma voz documental, cuja fonte, embora nos pareça verossímil, é apagada pela revista.

Koch (1997) advoga que “todo texto é um intertexto; outros textos estão presentes nele, em níveis variáveis, sob as formas mais ou menos reconhecíveis”. Assim, interpretaremos o texto como um objeto heterogêneo, o qual revela uma relação radical de seu exterior e, neste, logicamente residem outros tantos textos que lhe dão origem, que o determinam, com os quais dialoga. Por esta razão, Beaugrande & Dressler (1981, *apud* Bispo, 2004) apresentam dentro de um elenco de critérios de textualidade, a intertextualidade, que, de acordo com os autores, refere-se aos modos como a produção e a recepção de um texto dependem do conhecimento que se tenha de outros textos com os quais, de alguma forma, se relaciona.

Koch (1997) faz uma distinção de intertextualidade em dois sentidos: o amplo e o restrito. A intertextualidade no sentido amplo é a condição do próprio discurso, podendo se aproximar do que, em *Análise do Discurso*, denomina-se interdiscursividade. Nesse mesmo sentido, o intertexto é um componente decisivo das condições de produção, pois o discurso não surge de uma forma isolada e independente, mas é construído através de um já-dito em relação ao qual toma posição, como nos traz Authier-Revuz (1998).

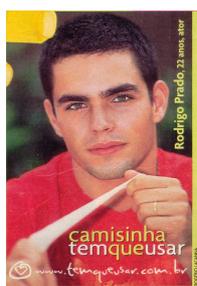
Desta forma, o lema da campanha da revista *Capricho*, ‘*Camisinha tem que usar*’ se insere numa categoria de intertexto, pois sugere ao leitor o resgate de um enunciado já-dito, seja na mídia, na escola, no diálogo com outros sujeitos, ou em outras instâncias. A seguir ilustraremos como a campanha foi veiculada nos três momentos em que se compõe o *corpus* de nossa pesquisa:



Recorte n.º. 1

Revista CAPRICHÔ  
Data: 07 de maio de 2000

Num primeiro momento, como observamos no recorte n.º. 1 da seção: Sua Vida – Sexo, de 07 de maio de 2000, a revista se utiliza do lema da campanha, ‘Camisinha, tem que usar’ cujo enunciado é reforçado pela foto de personalidades de conhecimento do público leitor adolescente e da legenda que identifica os sujeitos da fotografia. Neste exemplo, ‘Erika Nande, baixista, e Erica Martins, vocalista, da banda Penélope’. Uma das artistas está colocando uma camisinha no olho, enquanto a outra utiliza duas camisinhas para fazer laços em seu cabelo. A brincadeira, ou seja, o lúdico que a foto das artistas, que estão sorrindo, apresenta, inspira no leitor adolescente um alto grau de confiabilidade, pois, além de se identificarem com as artistas, também as associam com as vozes que atravessam o lema da campanha. É necessário usar camisinha pra se proteger de eventual gravidez, AIDS e outras doenças sexualmente transmissíveis.



Recorte n.º. 8  
Revista CAPRICHÔ  
Data: 05 de maio de 2002

Num segundo momento, como observamos acima no recorte n.º. 8 da seção: Sexo por Laura Miller, de 07 de maio de 2000, a revista se utiliza do lema da campanha, ‘Camisinha, tem que usar’ cujo enunciado é reforçado pela foto de um ator de conhecimento do público leitor adolescente e da legenda que identifica o sujeito da fotografia. Neste exemplo, ‘Rodrigo Prado, 22 anos, ator’. O artista está esticando uma camisinha, reforçando para o leitor adolescente um alto grau de confiabilidade, pois, além de se identificarem com um jovem artista em ascensão na mídia televisiva, o associam com a voz que atravessa o lema da campanha. É interessante observar que neste recorte há a inserção do site [www.temqueusar.com.br](http://www.temqueusar.com.br), escrito com uma fonte que remete a uma caligrafia, localizado abaixo do lema da campanha, fazendo alusão ao leitor de que informações quanto ao uso do preservativo podem ser acessadas pelo endereço eletrônico mencionado.

Recorte n.º. 15



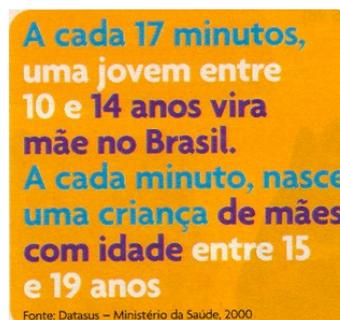
Revista CAPRICHOS  
Data: 19 de setembro de 2004

Num terceiro momento, como observamos no recorte n.º 15 da seção: Sexo por Laura Miller, de 19 de setembro de 2004, a revista se utiliza do lema da campanha, ‘Camisinha, tem que usar’, situado em posição central e superior. O enunciado é reforçado pela foto de um ator de conhecimento do público leitor adolescente e da legenda que identifica o sujeito da fotografia. Neste exemplo, ‘André Segatti, 31 anos, ator’. O artista está com uma camisinha envolvendo o seu dedo indicador, reforçando para o leitor adolescente um alto grau de confiabilidade, pois, além de se identificarem com um jovem artista em ascensão na mídia televisiva, o associam com a voz que atravessa o lema da campanha. É interessante observar que neste recorte há a inserção de um outro intertexto, abaixo da legenda que identifica o ator: ‘Camisinha + pílula = o mais seguro método de prevenção.’ A revista se utiliza de símbolos matemáticos ‘+’ e ‘=’ para chamar a atenção do leitor, e ao mesmo tempo sugere a associação do conteúdo deste último enunciado, somando a utilização da pílula como método de prevenção de gravidez ao uso da camisinha, que também previne contra doenças sexualmente transmissíveis.

Também Pêcheux (1997) mostra-nos que o processo discursivo não tem, de direito, um início; o discurso se estabelece sobre um discurso prévio.

Afirma também Koch (2000, *apud*, Bispo, 2004) que é por meio da comparação dos textos produzidos em determinada cultura que se podem detectar as propriedades formais ou estruturais, comuns a determinados gêneros ou tipos (intertextualidade de caráter tipológico), que são armazenados na memória dos usuários sob a forma de esquemas textuais ou superestruturas (c.f., por exemplo, Van Dijk & Kintsch, 1983; Van Dijk, 1983). Para Koch (2000), a intertextualidade em sentido restrito representa a relação de um texto com outros textos previamente existentes, isto é, efetivamente produzidos. Nessa visão, só é pertinente falar-se de intertextualidade desde que seja possível encontrar num texto elementos anteriormente estruturados, para além do lexema.

Recorte n.º 10  
Revista CAPRICHOS  
Data: 22 de setembro de 2002



No exemplo descrito, a revista se utiliza de uma pesquisa de fonte identificada, no caso, Datasus – Ministério da Saúde, para legitimar uma questão polêmica que remete ao nascimento de crianças de mães ainda na fase da infância ou da adolescência. Trata-se de um típico caso de intertextualidade uma vez que é possível detectar no texto elementos anteriormente estruturados, para além da palavra. Há vozes no recorte em questão que, de forma implícita, sugerem a necessidade do uso de anticoncepcionais e camisinha para amenizar tal problema. A fonte utilizada pela revista, como o uso de cores distintas para realçar determinadas palavras, também são uma estratégia da revista para chamar a atenção do leitor.

Segundo Azeredo (2003), nossa memória textual atua no tecido de nossos discursos, ligando os contextos históricos e impregnando de sentido os textos que produzimos. Nossos textos são acontecimentos alojados no curso da História, e necessariamente processados na memória de todos que se comunicam por meio deles. Por isso, eles incorporam outros textos, como vozes latentes ou explícitas. No primeiro caso, quase sempre inconscientes, eles se diluem em nossa fala no aqui e agora da enunciação. Ainda que o nosso discurso seja constituído da fala do outro, o mesmo nos parece ter o conteúdo originário de nós mesmos. Sobre isso, acrescenta Azeredo (2003) que ‘quando mesmo sendo apenas roupa, confundem-se com nossa própria pele’. No segundo caso, tendem a ostentar identidade própria, destacando-se de nossa voz pelas marcas dos travessões, das aspas, do tipo de fonte, dos verbos *dicendi*, do tom da voz.

Somado ao que acabamos de expor, Azeredo (2003) diz que a própria citação pressupõe uma escolha, uma opinião, um ponto de vista. E, que, por esta razão, não devemos nos iludir. O discurso transposto ou simplesmente trazido à tona da memória não significa sozinho, mas em um intertexto, isto é, na companhia de um outro discurso com que divide a responsabilidade do sentido.



"Tocar é o significado humano da pele."  
Ashley Montagu, cientista social, especialista em comportamento e sexualidade

Recorte nº. 10 – Revista CAPRICHOS – Data: 22 de setembro de 2002

Acima temos uma citação entre aspas de Ashley Montagu, cientista social, especialista em comportamento e sexualidade, que diz: “Tocar é o significado humano da pele.” O tipo de fonte, nos sugere a escrita do próprio autor expressando o seu pensamento. A citação encontra-se centralizada no rodapé da página, fechando o recorte nº. 10 da seção *Sexo*

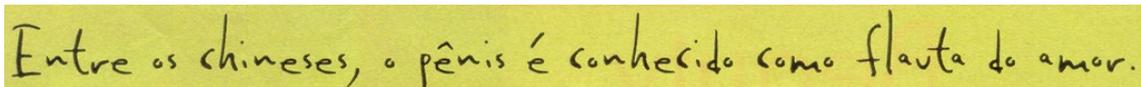
de 22 de setembro de 2002. É interessante observar que esta citação finaliza uma seção que consiste da campanha da revista, *'Camisinha tem que usar'*, e de dois artigos relacionados ao tema masturbação. O verbo 'tocar' inserido na citação pode sugerir a descoberta de prazer no próprio corpo, legitimado pela voz de um especialista em sexualidade.

Orlandi (2002) advoga que no que se refere a intertexto, é preciso lembrar que ele não é sinônimo de interdiscurso. No interdiscurso, o já-dito por um sujeito num determinado momento, perde a condição de um dizer particular. Torna-se uma voz sem nome, instaurando uma procura de se 'escutar' o não-dito, como presença da ausência necessária das vozes enunciadoras do já-dito num processo de apagamento, fazendo com que o dizer de outros tempos e de outros lugares possa fazer sentido em um novo tempo, um novo lugar, em uma nova voz.

O intertexto estabelece a relação entre um texto e outro, num processo em que o apagamento das vozes enunciadoras do já-dito não é estruturante, como no interdiscurso. Entretanto, o intertexto e o interdiscurso mobilizam relações de sentido, dadas pela experiência de mundo, ideologicamente marcada. E são as relações intertextuais que abrem caminho para as relações interdiscursivas. Por exemplo, colocar um texto da História em intertextualidade com um texto literário constitui-se um processo que não se completa em si mesmo, mas que busca a incompletude da interdiscursividade. As palavras do texto da História dialogam com outras palavras, as da Literatura, fazendo fluir o discurso, as vozes que perscrutam possibilidades de enunciar o não-dito, que irrompe no já-dito.

Essa combinação de vozes ou falas, tecnicamente conhecida como intertextualidade, é propriedade praticamente de qualquer texto. Ela está presente no uso que fazemos das frases feitas e dos provérbios, nas citações, nas alusões, nas referências.

Em nosso corpus, por exemplo, encontramos um enunciado que se insere dentro das condições de intertextualidade:



Entre os chineses, o pênis é conhecido como flauta do amor.

Recorte n°.8– Revista CAPRICHOS – Data: 05 de maio de 2002

O enunciado acima, encontra-se centralizado no rodapé da página, fechando o recorte n°. 8 da seção *Sexo* de 5 de maio de 2002. Não há a identificação da fonte do fragmento. Entretanto, o leitor é levado a pensar que o enunciador editor-repórter obteve tal informação, que faz referência a um conhecimento chinês, de alguma fonte-documento ou sujeito. A

revista insere o enunciado na forma de uma caligrafia. Ainda que pareça sem sentido, ao observarmos o conjunto de artigos que compõe a seção, há bem próxima da citação em destaque, a propaganda do lançamento de uma nova marca de preservativos em que a camisinha é bicolor e aromatizada. Talvez daí, a escolha da revista em colocar um enunciado em destaque fazendo alusão à forma como o pênis é conhecido pelos chineses.

A partir dos enunciados observados no *corpus*, nos parece importante pontuar que a intertextualidade não seja apenas concebida como um texto, cuja identificação é explícita ou não. Mas, sim, que se procure examiná-la como um enriquecimento da leitura e da produção de textos e, sobretudo, que se tente mostrar a função da sua presença na construção e no(s) sentido(s) dos textos.